



OVA

OUTUBRO 1951 * ESC:= 7\$50

Magnífico Album de Bordados

Repositório de maravilhas unicamente devidas às mãos feiticeiras da Mulher, por quem de-certo vai ser avaramente acarinhado.

Compilação da Professora D. Maria Clementina Carneiro de Moura. Coleção de lindos desenhos inspirados em trabalhos antigos de rara beleza artística, cuidadosa e pacientemente seleccionados para serem adaptados ao uso moderno.

- * Artística capa a cores
- * Inúmeras ilustrações
- * 60 páginas com desenhos de trabalhos e instruções para a sua execução.



Tamanho: 27 cm. X 19,5 cm.
Preço: Esc. 45\$00
(incluindo porte pelo correio)



Bordados Tradicionais de Portugal

No capítulo dos bordados tradicionais possui o nosso país filões preciosos e inexgotáveis, que até aqui não têm sido convenientemente explorados. Foi no intuito de proporcionar às mulheres portuguesas modelos genuinamente nacionais, que percorri de Norte a Sul as províncias de Portugal, tendo escolhido valiosos documentos que são testemunhos duma secular tradição na arte de bordar.

Lisboa, Janeiro 1950.

Maria Clementina Carneiro de Moura

À venda nas
livrarias e retrozarias.
Não encontrando,
basta preencher e enviar
o cupão abaixo.

CORTAR E ENVIAR ESTE CUPÃO

À Companhia de Linha Coats & Clark, Ltda. Rua Duque de Loulé 160-Porto, ou Avenida da Liberdade, 69-1.ª Lisboa.

Queira enviar-me exemplares do Album de Bordados Tradicionais, para pagamento dos quais remeto em vale do correio ou notas do Banco de Portugal, a importância de:

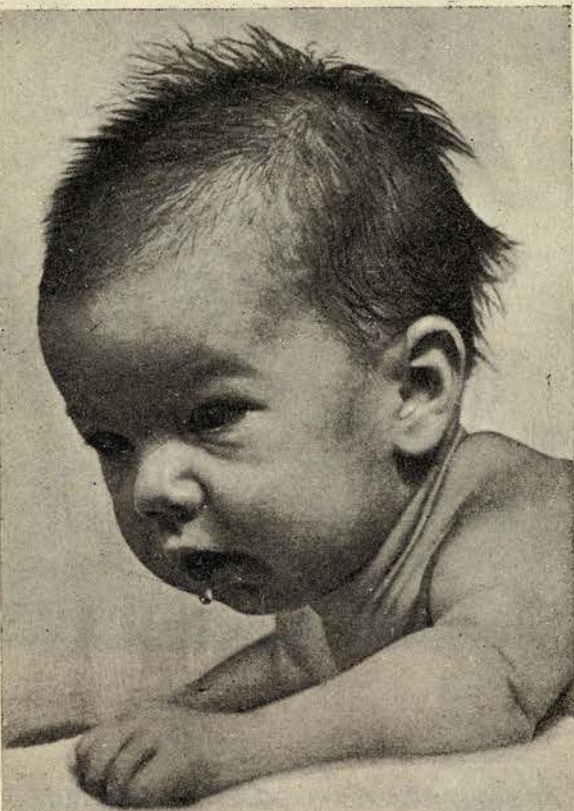
Esc.

Nome

Morada

Localidade

Directora e Editora: CAROLINA HOMEM CHRISTO
 Ano 25.º — N.º 957 — Outubro de 1951 — Preço: 7\$50.
 Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9-2.º,
 Lisboa — Telefone 2.7507 — Propriedade da Editorial Orga-
 nizações, Limitada — Composição e impressão de Bertrand
 (Irmãos), L.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.
 Telefone: P.B.X. 2 1368 e 2 1227



NÃO DEIXE DE PROTEGER O SEU FILHO

ÓLEO PARA O BÉBÉ

- Contribui para resguardar o seu filho de muitas irritações da pele.
- Evita-lhe as inflamações produzidas pelas fraldas.
- Mantem a pele macia e fresca.
- Possui um agradável cheiro.

APLIQUE O ÓLEO A SEGUIR AO BANHO
 E APÓS A MUDANÇA DAS FRALDAS

**SECÇÃO DE HIGIENE INFANTIL
 DO
 INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA**
 Rua Nova do Almada, 71 — LISBOA

HAVAS



Dê

**S A Ú D E
 B E L E Z A
 E H I G I E N E**
ao seu bebé
 COM OS PRODUTOS
D.D.D.



SABONETE **BALSAMO** **TALCO**



**AJOURS
 BOTÕES
 BORDADOS**

Salão aos Plissados

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 64
 e C. DO CARMO, 10
 T. 21724

Grande novidade em blusas, adorno
 e vestidinhos de bebé

A. MARQUES



NOVAMENTE em todas as farmácias e mercearias a

PHOSPHATINE FALIÈRES

A farinha alimentícia de reputação mundial

Na primeira idade, completa a acção do leite e trás ao bebé todos os elementos nutritivos necessários ao seu desenvolvimento.

Preparada segundo métodos científicos numa fábrica modelar a PHOSPHATINE FALIÈRES forma com o leite uma papa muito agradável que dá às crianças força e saúde. Auxilia a dentição e facilita a formação dos ossos.

A PHOSPHATINE FALIÈRES em virtude da sua fácil digestão e das suas qualidades fortificantes convém às mães, às amas, aos anémicos, aos anciães e aos convalescentes.

A caixa contém 375 grs. de farinha alimentícia, sendo a despesa diária diminuta.

Distribuidores: JULES DELIGANT, LDA.
Rua da Assunção, 88, 2.º - Lisboa



"Napperons" de "crochet."

Os "crochets" da «Eva» gosam de boa fama. Para a não desmerecer apresenta-se hoje este lindo jogo de «napperons» que se destina ao tocador e mesas do quarto de dormir.

São em número de três estes bonitos «napperons», tendo um a forma redonda, outro, a forma quadrada e outro a forma rectangular. Foram executados com linha crua de algodão Mercer Corrente n.º 40 e agulha de barbeta n.º 7.

Aprenda a bordar

Leitora para conhecer a técnica dos bordados que a «Eva» apresenta, adquira as *Amostras explicativas de pontos*, feitas com o material apropriado a casa género de bordado e acompanhadas de lição escrita.

À vossa disposição temos as de bordado de Castelo Branco, feito com sedas; de Viana do Castelo, feito com algodões; de Viana do Castelo, feito com lãs; de Assis; de S. Miguel; ponto à jour turco com a agulha própria para a execução; ponto de cruz; de sombra; de «matelassé» de «repoussé»; de canutilho, de grillão de matiz antigo; de matiz moderno; aplicações cosidas a ponto de Paris; tapetes de Arraiolos; tapetes de Smirna e malha de franja fornecida na régua em que é executada.

Cada amostra 6\$00.

Pelo correio mais 2\$00 sobre o valor total da encomenda.

Pedidos à «Eva». Largo Trindade Coelho, 9, 2.º - Lisboa.

SWAN BRAND



O FERRO ELÉCTRICO DE
COMANDO AUTOMÁTICO
COM LUZ AVISADORA

*O único ferro de fabrico inglês
que dispensa adjectivos.*

DISTRIBUIDORES
GERAIS • SOCIEDADE DO RIBATEJO, LDA. • "SECÇÃO
COMERCIAL"

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13-2 • TELEF. 26992 - LISBOA




M. CAMPOS

A preparação de um creme de beleza destinado a reagir sobre a epiderme e não apenas a provocar um simples aspecto de embelezamento, merece aquele estudo e cuidados excepcionais com que são fabricados estes dois preparados.

Assim, este creme de dia e o de noite ou de massagem, simultaneamente usados, evitam de facto a formação de rugas, tonificam o rosto e aveludam a epiderme, embelezando-a. Para epidermes secas, gordas, ou com quaisquer outros defeitos temos produtos e tratamentos especiais.

Consulte os:


M. CAMPOS

Salões de estética e de tratamentos de beleza por processos científicos

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELLEZA

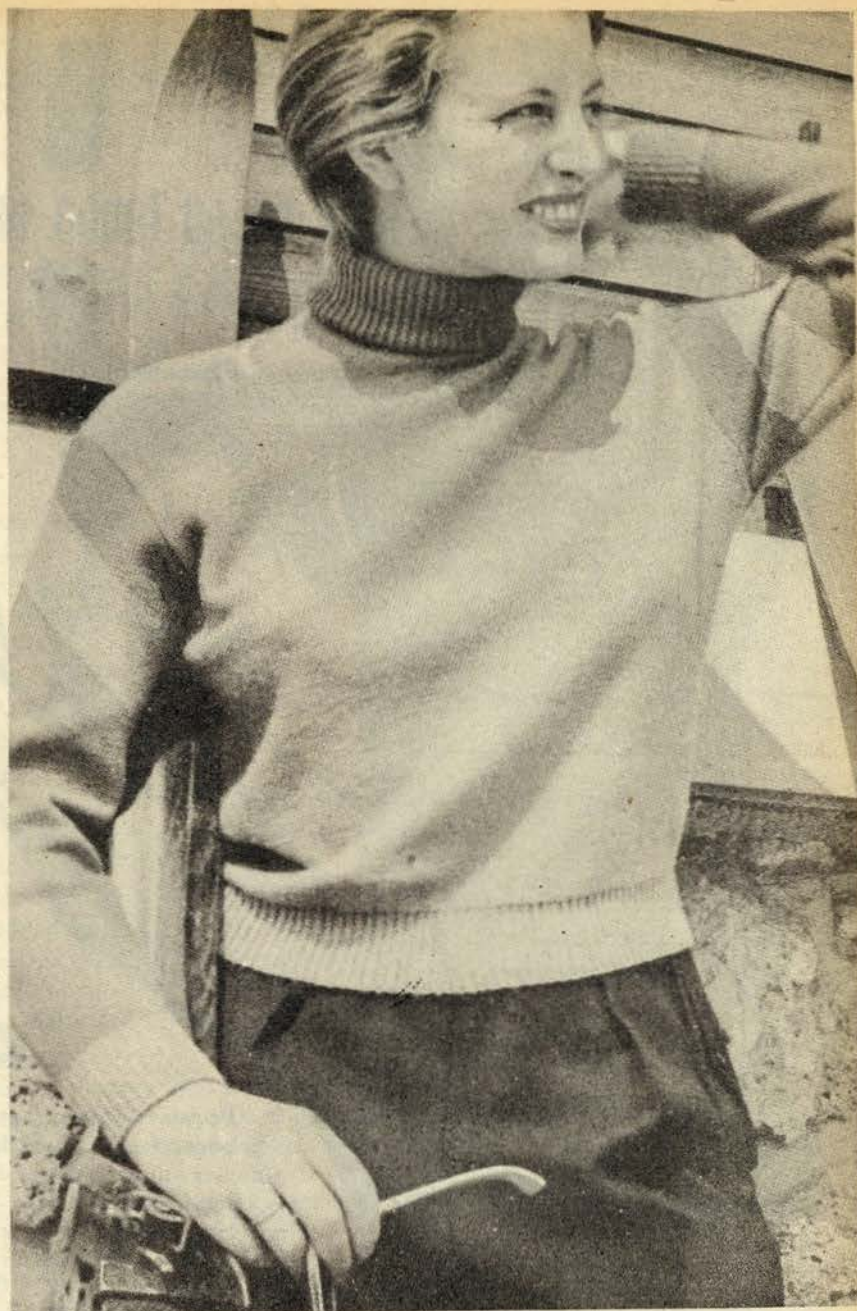
Av. da Liberdade, 35 — Lisboa — Tel. 2.1866

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tennam.

PLISSADOS

AJOUR BORDADOS E BOTÕES

Praça da Figueira, 4



Camisola para desporto

Esta camisola de «tricot» feita com lã de dois tons é muito confortável para a vida desportiva. Foi executada com 350 gramas de lã de 4 fios azul clara e 100 gramas de lã do mesmo género azul escura e empregaram-se na sua realização as malhas de «jersey» — 1 m. a direito, 1 m. de revesilho alternadas — e a malha de canhão dupla — 2 m. a direito, 2 m. de revesilho, alternadas:

Se alguma leitora desconhece a técnica destas malhas pode aprende-la mediante uma amostra explicativa que fornecemos por 6\$00: Pelo correio mais 2\$00.

Pedidos à Secção de Vendas da «Eva». Largo Trindade Coelho, 9, 2.º — Lisboa.

mas se eu tenho que desligar o motor!



Sim, minha senhora,
tem que fazer compras,
mas «arrancar e parar»
a todo o momento
é um convite à

CORROSÃO

Pequenas voltas, fazer compras, «visitas de médico», levar as crianças á escola, — todas as pequenas razões pelas quais V. Ex.^a e muitas outras senhoras utilizam o carro todos os dias — nem sempre dão ao motor oportunidade de aquecer. Agentes ácidos e vapor de água formando-se enquanto o carro está trabalhando, condensam-se logo que o motor arrefece. Corroem as peças e reduzem-lhes a duração. Os laboratórios demonstraram que a CORROSÃO é a maior causa do desgaste do motor. Os aditivos que entram na composição do SHELL X-100 MOTOR OIL evitam o ataque dos agentes prejudiciais, mantêm-no bem distribuído e aderente, formando uma película de óleo PROTECTOR sobre todas as peças do motor.

Quando se desliga o motor ou quando se arranca novamente, o «escudo protector» de SHELL X-100 MOTOR OIL entra em acção, defendendo-o contra a corrosão. Deve PROTEGER o motor do seu carro.

ESVAZIE O CARTER
E ENCHA COM

SHELL X-100 MOTOR OIL

DETERGENTE... ESTÁVEL... PROTECTOR

Até que enfim

AH! Até que enfim que se acabaram as férias. Pois claro: ainda bem que estão a exalar os derradeiros suspiros estes dias abafados de obrigatória boa disposição, de palestras imprescindíveis sobre os jogos de praia, paisagens campestres, negócios interrompidos e óculos escuros e tez bronzada impostos por decência de sociedade.

Alegrem-se os que gostam das praias desertas, selvagens, com cheiro forte a maresia e ondas bravas como só aqui há no inverno, a dois passos da capital. Alegre-se esta Lisboa que se vai vestir de outono e entrar na sua verdadeira paisagem tradicional.

Acabaram-se os dias carregados de sol, com gatos pelos telhados do casario e turistas, gente e gostos de importação, a darem a estas ruas do Cesário Verde um tom indefinido, flutuante e de cor duvidosa. Lisboa vai acordar deste sono de canícula. Em vez das esplanadas das avenidas vão surgir umas árvores nuas de folhas, melancólicas e de sabor romântico quase perdido; no Cais das Colunas, ali onde o taciturno Fernando Pessoa rabiscou à mesa dum café as primeiras linhas da *Ode Marítima*, o Tejo cobrir-se-á duma névoa suave e assim a paisagem surgirá mais natural, menos cosmopolita.

E alegrem-se também as crianças que não tiveram férias e passaram estes dias longos em caves bolorentas, nas salas de castigo. Ou as que viram o estio dourado das janelas de sacada em qualquer rua triste da nossa cidade.

Vêm aí as aulas, a hora do recreio, a nova professora, as ardósias de caixilhos brancos e a caixa de lápis de cor, pronta a ser estreada.

E todos os outros pacatos cidadãos a quem o trabalho ou o reduzido salário obrigou a ficarem por aqui, no meio de *mainées de reprise*, corridas aos Domingos para os comboios do Cais do Sodré, e conversas pelas avenidas sobre bailes de Casino, ou nos pátios pobres, sobre a galinha corada e a melancia comida em qualquer dia feriado na Cova do Vapor.

Que se alegrem todos e nos perdõem a heresia. Vai começar um ano de trabalho.

Descançemos destas férias impostas pelo calendário, pela meteorologia e a intransigência da sociedade.

Lisboa vai reaparecer na sua cor antiga. Virão novos filmes, novidades literárias, modas, conversas, tudo.

Descansemos destas tréguas esforçadas. Mas todos: a garotada, os lisboetas de gema, o comércio, a arte, a propaganda e até os que descansaram nas férias, porque o inverno está aí à porta.



A NOSSA CAPA:

Um lindo chapéu de Rose Valois, com liras de veludo verde e rosa e penas de coque de rocha.

SUMÁRIO:

Neste número:

A REPORTAGEM ESPIRITUAL
DOS MARAVILHOSOS ACONTECIMENTOS
DA COVA DA TRIA:

FATIMA, PORTA SANTA
DO MUNDO

Textos de Antero de Figueiredo
e Dinis da Luz

OS IDÓLOS DO MOMENTO:

FRANCISCO JOSÉ
Uma sensacional reportagem de Armindo
Blanco com fotos de Firmino do Carmo

MARGARET TRUMAN,
A NOIVA DO MISSOURI

A RONDA DO MÊS DE SETEMBRO
por Francisco Mata

NOVELAS — CRÔNICAS — CONSELHOS
MODAS — BORDADOS, ETC.



FRANCISCO JOSÉ

Canta boleros, estuda matemáticas e pede encarecidamente que não o considerem vaidoso!

REPORTAGEM DE ARMINDO BLANCO COM A COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA DE FIRMINO DO CARMO



Quando ele fôr ao Brasil, as revistas cariocas publicarão esta fotografia com a seguinte legenda: Francisco José, o Bonitão!

O Alentejo é verdadeiramente terrível: não contente com o seu papel de província telúrica, inspiradora de literaturas neo-realistas, e tormento de quem tem de ir em combóio de Lisboa para Faro, de vez em quando joga-nos à cara com um cantor que logo se transforma em epidemia mais ou menos intensiva. Agora mesmo está a acontecer isso com Francisco José. Este garbooso mancebo, forte como um cepo e exuberante como um tenorino italiano, desceu há dois anos de Évora para a capital lusa. Parece que ele vinha para tirar um curso de engenheiro. Pelo menos, a família estava convencida disso. Mas o destino encarregou-se de modificar os projectos da família de Chico Zé. Um dia, ele estava sentado na «Brasileira», a tomar café com José António. Mota Pereira acabava de fundar o seu «Centro de Preparação de Artistas da Rádio». E José António ia justamente, nessa tarde, dar um pulinho até ao «Centro», para ver as pequenas.

— Posso ir consigo? — perguntou Chico Zé.
— Homem, venha daí! — aquiesceu José António.
Tomaram o carro eléctrico para a Estrela, e desceram juntos em S. Bento. Quando saíram, José António tinha visto bonitas pequenas, e Chico Zé combinara com Mota Pereira passar a ser discípulo do «Centro». Entre as suas colegas estavam uma tal Júlia Barroso, graciosa e com um fio de voz bem interessante, Belita, Fernanda Perez, Maria Pazo e outras jovens que mais tarde dariam que falar...

UMA EPIDEMIA DE BOLEROS INVADE O ETER DE PORTUGAL

Chico Zé chegou, viu e venceu. Depois de ter tomado parte em duas emissões experimentais do «Centro de Preparação», foi logo contratado para o quadro artístico da Emissora Nacional. E, no mesmo ano em que começou a cantar no Quelhas, ganhou o prémio da Emissora destinado ao melhor cançonetista de 1950.

A sua popularidade nasceu em estilo relâmpago. Solicitado para cantar em toda a parte, remeteu ao ostracismo o seu projecto de se fazer engenheiro, e dedicou-se inteiramente ao ofício de «crooners». E que «crooners»! Frank Sinatra, Bob Crosby, Dick Farney e quejandos, são «café pequeno» ao pé deste alentejano de voz mais cálida do que o sol das suas planuras natais. As jovens de Portugal, sem distinção de classes sociais, transformaram-no em seu ídolo absoluto. Cantor

romântico e «spin-up boys», Chico Zé teve de botar óculos escuros para poder transitar no Chiado ou para ir ao cinema sem ser reconhecido pelas suas ardorosas admiradoras.

Os Correios lucraram com isso. O consumo de selos postais, neste mês, aumentou em bastantes por cento desde que os «boleros» de Chico Zé tomaram conta dos espaços radiofónicos. Só à sua parte, Chico Zé recebe 30 cartas por dia. O programa «Que quer ouvir», de Artur Agostinho, regista uma média de 40 pedidos por semana de discos gravados por Chico Zé. E as revistas que inserem secções de perguntas e respostas recebem outra meia centena semanal de cartas com interrogações feitas a papel químico:

— Onde mora Francisco José? Sabem se ele tem telefone? É casado? Está para casar? Quantos anos tem?

Cem por cento epidemia. Nos últimos tempos tornou-se inútil ligar a rádio com a esperança de ouvir um programa que não incluía discos de Chico Zé. Absolutamente inútil. Mal nos precatamos, sai-nos ao caminho a «Boquita de Sonho» ou as «Três Palavras», ou a «Maria Severa», ou sabemos lá o quê! Mas sem Chico Zé é que não passa nenhum programa dos que se prezam de agradar aos ouvintes...

«SOU O CANTOR MENOS VAIDOSO DO MUNDO» — DIZ-NOS CHICO ZÉ VAIDOSAMENTE

Chico Zé reside num belo apartamento em Almirante Reis, ao pé da Alameda. O apartamento tem belos «maples», garrafeira, biblioteca com livros ingleses, aquarelas nas paredes e uma «scarpette» tão fofa que parece uma cama. Chico Zé recebeu-nos espectacularmente, com vivas manifestações de júbilo e taças de «champagne» gelado. Após um curto período de tempo dedicado às libações, que o nosso fotógrafo acompanhou com significativos estalinhos de língua, Chico Zé passou a prestar declarações. Que nos lembremos, ele começou por afirmar que canta com extremo prazer. Que, por sua vontade, não pensaria em mais nada.

— Mas a minha família quer que eu tire um curso. Por isso vou formar-me em Matemáticas.

Depois bolsou considerações sobre o seu estilo interpretativo.

— Só canto as canções que sinto. Procuo tirar partido de cada

palavra e de cada frase musical. Mais do que com a voz, canto com o coração.

A Chico Zé não é preciso fazer perguntas. O tema «Francisco José» encanta-o completamente. Francisco José está nas suas sete quintas quando fala de Francisco José. A certa altura ele diz-nos:

— Quería é que você destruísse a lenda de que eu sou vaidoso. Veja como se arranjam falsas reputações. Sou o cantor menos vaidoso do mundo, e nunca me passou pela cabeça que todas as mulheres se apaixonam por mim.

Curiosidades da conversa: Chico Zé não disse mal de nenhum colega: contou que uma admiradora lhe quis oferecer um automóvel; que já gastou para cima de um dinheirão em fotografias, para satisfazer as dezenas de pedidos que recebe diariamente; que, se fôr ao Brasil a poder fazer uma «tourné» pelas Américas com os seus boleros, talvez mande as Matemáticas para o diabo; que adora as morenas e idolatra as loiras, mas não pensa casar tão cedo; e que, se não houvesse mulheres, não teria interesse nenhum em cantar.

E repetiu:
— Agora vaidoso, não. Tudo menos isso. Não se esqueça de reduzir essa lenda a sub-nitrato.

Bebemos novas taças de «champagne» gelado. Depois Chico Zé convidou-nos para jantar.

— Você vem jantar comigo. Aonde quer ir?

Propusemos o «Hot Club», que tem uma cozinheira infernal. Durante a «Bacalhau à Brás», Chico Zé continuou a falar de Chico Zé. A sobremesa, assinou uma proposta para ser sócio do «Hot Club». E na alinea onde devia pôr a profissão, Chico Zé escreveu: — Estudante!

Depois pediu a conta. Pagou a parte dele e foi-se embora. O empregado ligou o rádio. Estavam a transmitir a «Boquita de Sonho». Foi com este disco que a epidemia começou — mais ou menos há um ano. Melancolicamente, pagamos a nossa conta e começamos a jogar a «canasta»...

ARMINDO BLANCO

P.S. — Há dias em que um homem não devia sair à rua. Fui miseravelmente desfolado durante a partida de «canasta». A centavo o ponto, perdi quase cinquenta escudos. Espero que a directora da revista me indemnite convenientemente.

A. B.



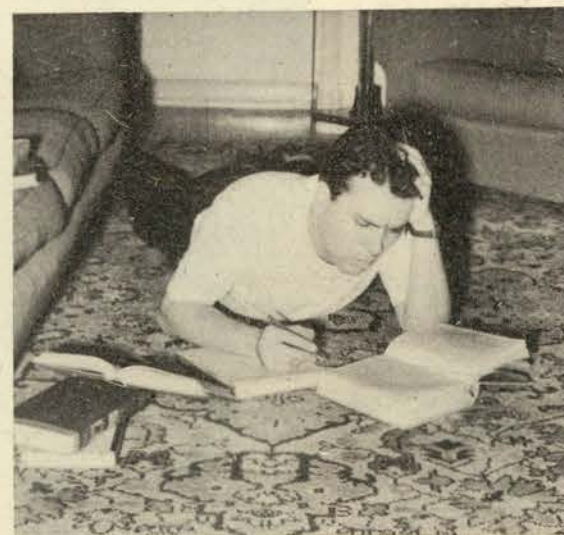
Chico Zé passa horas a ouvir-se a si mesmo no «pick-up». Francisco José é o cantor favorito de Francisco José.



— Meu Deus: como é que eu vou responder a estas cartas todas?



Chico Zé escuta amabilidades ao telefone. (Atenção, leitoras: o telefone do cantor tem o número 5592. Mas não digam ao Chico que fomos nós os autores da informação).



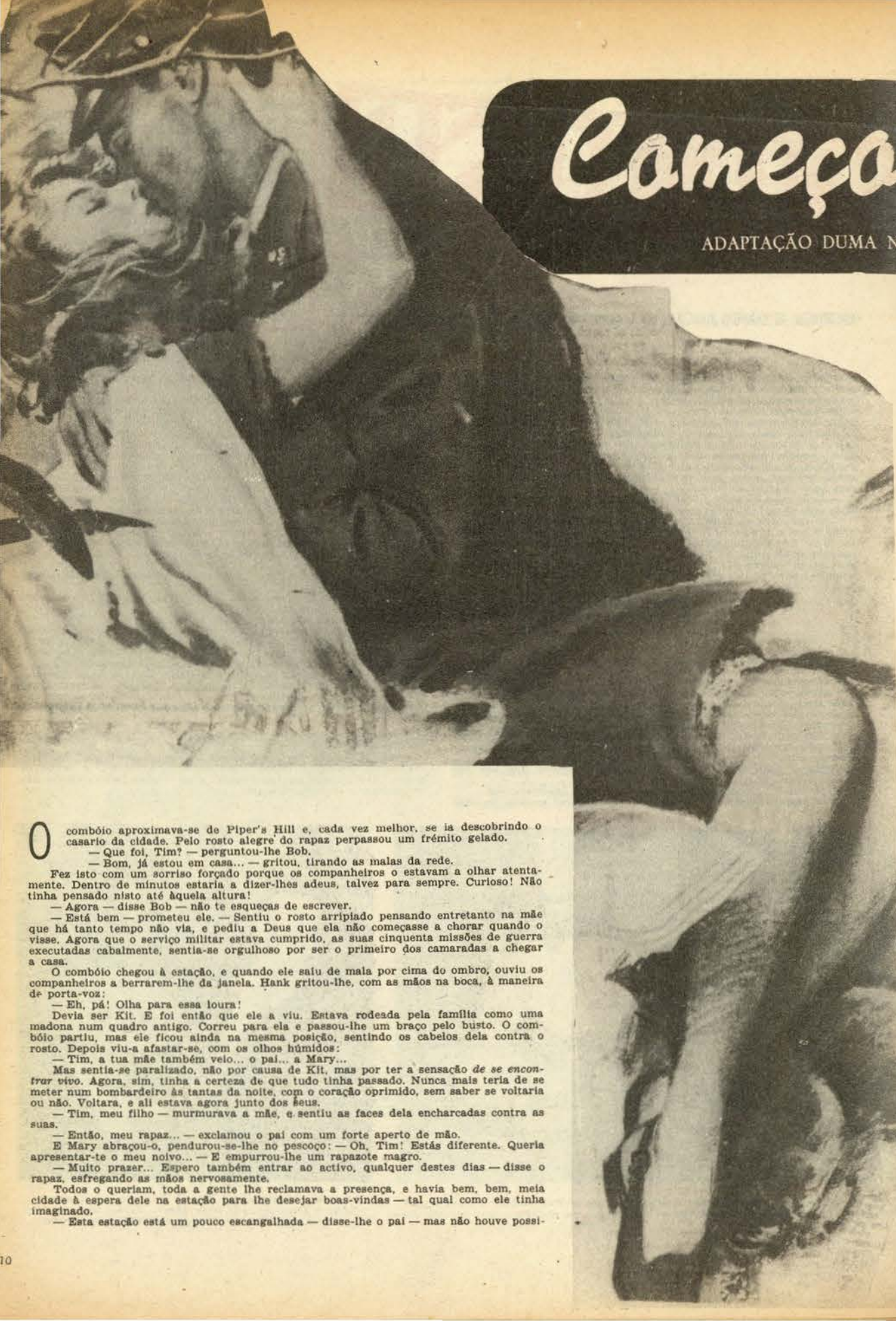
Chico Zé anda a tirar um curso de Matemáticas. A família quer que ele seja doutor não apenas em «boleros», mas também em cifras.



Primeiro comentário das leitoras ao verem esta fotografia: «Olha: o Chico Zé sabe tocar piano». Talvez saiba mesmo. Mas isto aqui foi a fingir, só para tirar a fotografia.

Começa de vida

ADAPTAÇÃO DUMA NOVELA DE PEARL BUCK



O combóio aproximava-se de Piper's Hill e, cada vez melhor, se ia descobrindo o casarão da cidade. Pelo rosto alegre do rapaz perpassou um frémito gelado.

— Que foi, Tim? — perguntou-lhe Bob.
— Bom, já estou em casa... — gritou, tirando as malas da rede.
Fez isto com um sorriso forçado porque os companheiros o estavam a olhar atentamente. Dentro de minutos estaria a dizer-lhes adeus, talvez para sempre. Curioso! Não tinha pensado nisto até àquela altura!

— Agora — disse Bob — não te esqueças de escrever.
— Está bem — prometeu ele. — Sentiu o rosto arripiado pensando entretanto na mãe que há tanto tempo não via, e pediu a Deus que ela não começasse a chorar quando o visse. Agora que o serviço militar estava cumprido, as suas cinquenta missões de guerra executadas cabalmente, sentia-se orgulhoso por ser o primeiro dos camaradas a chegar a casa.

O combóio chegou à estação, e quando ele saiu de mala por cima do ombro, ouviu os companheiros a berrarem-lhe da janela. Hank gritou-lhe, com as mãos na boca, à maneira de porta-voz:

— Eh, pá! Olha para essa loura!
Devia ser Kit. E foi então que ele a viu. Estava rodeada pela família como uma madona num quadro antigo. Correu para ela e passou-lhe um braço pelo busto. O combóio partiu, mas ele ficou ainda na mesma posição, sentindo os cabelos dela contra o rosto. Depois viu-a afastar-se, com os olhos húmidos:

— Tim, a tua mãe também veio... o pai... a Mary...
Mas sentia-se paralizado, não por causa de Kit, mas por ter a sensação de se encontrar vivo. Agora, sim, tinha a certeza de que tudo tinha passado. Nunca mais teria de se meter num bombardeiro às tantas da noite, com o coração oprimido, sem saber se voltaria ou não. Voltara, e ali estava agora junto dos seus.

— Tim, meu filho — murmurava a mãe, e sentiu as faces dela encharcadas contra as suas.
— Então, meu rapaz... — exclamou o pai com um forte aperto de mão.
E Mary abraçou-o, pendurou-se-lhe no pescoço: — Oh, Tim! Estás diferente. Querias apresentar-te o meu noivo... — E empurrou-lhe um rapazote magro.

— Muito prazer... Espero também entrar ao activo, qualquer destes dias — disse o rapaz, esfregando as mãos nervosamente.

Todos o queriam, toda a gente lhe reclamava a presença, e havia bem, bem, meia cidade à espera dele na estação para lhe desejar boas-vindas — tal qual como ele tinha imaginado.

— Esta estação está um pouco escangalhada — disse-lhe o pai — mas não houve possi-

bilidade de a arranjar durante a guerra.
— Para mim está estupenda! — declarou ele. — É curioso, parece estar tudo na mesma...
— Sim, está tudo na mesma — replicou o pai, pondo o motor a trabalhar cuidadosamente. — Tenho que ter cuidado com os pneus...

* * *

A casa estava tal e qual a imaginara. Mas viu-a com uns olhos diferentes de antigamente. Tinha passado por tantos prédios em Tennessee, Geórgia, Arizona, Inglaterra, Normândia, sob tantos telhados da Alemanha em pleno bombardeamento, que esta casa lhe parecia ao mesmo tempo estranha e familiar.

— Meu Deus, como é maravilhoso estar de novo em casa! — Soltou uma gargalhada. — Sinto-me como se tivesse andado um bom bocado na montanha russa duma feira.

Riram todos. A mãe levantou-se.
— Deixa-me ir tratar do jantar. Fiz uns pratos de que gostas muito. Temos tempo para conversar, mais tarde...

Chegou-se a ele, apertou-o nos braços: — És tu, meu Deus! És mesmo tu... — E saiu a correr.
— Bem, deixa-me ir — disse o rapazote magro. A seguir estendeu-lhe a mão: — Até à vista, Tim. Calculo que para o mês que vem, quando já tiver dezoito anos, possa alistar-me nas forças aéreas... Até à vista.

Saiu com Mary, ambos de mãos dadas e muito alegres.
— São muito novos — disse ao vello desaparecerem.
— Sim, muito novos — ajuntou o pai — mas eu e a tua mãe casámos precisamente na idade deles, quando foi da outra guerra. Os meus pais não gostaram lá muito. Mas nós nunca mais nos esquecemos disso, e quando o Frank e a Mary vieram ter connosco não pudemos recusar...

A voz foi-se-lhe enfraquecendo. Calculara que Tim e Kit gostariam de ficar um pouco sós, e achou por bem sair do pé deles.

Kit ajoelhou-se-lhe aos pés, abraçou-lhe o tronco e ergueu para ele o rosto calmo e terno. — Estás cansado, disse-lhe.

Tim pôs-se a afagar-lhe os cabelos por cima das orelhas. Milhares de vezes idealizara aquele momento, e sentia a percorrer-lo uma estranha felicidade.

— Sinto-me tão feliz — murmurava ela. — Tão feliz por estares de volta!

Nesse momento Tim gostaria de lhe contar tudo, mas tudo, numa só palavra, num só instante. Mas como poderia ele falar da vida que tinha levado, assim dum momento para o outro?

Beijou-a fortemente. Era melhor não contar, era melhor beijá-la simplesmente.

* * *

Depois de jantar foram todos duma gentileza espantosa para com ele.

— Estás com cara de sono — exclamou Mary.
— Coitadinho, deve estar cansadíssimo — acrescentou a mãe prontamente.

Kit sorriu, e disse:
— Vou ajudá-la a lavar a louça e depois vou também para casa.

— Não sei o que é isto — murmurou Tim. — Não sei porque me sinto tão cansado.

— É natural — interveio o pai sollicitamente. — Sei muito bem o que é isso...

Tim olhou-o um instante com atenção. Saberia o velho o que era aquilo?

Subiu ao quarto; tudo na mesma, exactamente como nos velhos tempos. Na última vez que ali dormiu... como era diferente de agora — um rapazito imberbe!

E hoje já não era criança, uma pessoa batida, sabia de tudo, da vida e da morte, mas especialmente da morte. E, contudo, não era capaz de calcular como principiar a vida. Mesmo com o auxílio de Kit... Tinham que começar a vida, e não sabia como. Como? É esta pergunta que na guerra se faz constantemente a toda a gente.

Acordou ao som de muitas vozes. A casa estava cheia de gente. Permaneceu deitado, a ouvi-las. Mas daí a pouco a porta abriu-se e apareceu-lhe a cabeça da mãe a espreitar.

— Entre, mãe. Já estou acordado.

— Estão lá em baixo uns vizinhos que te querem ver. Queres ir ter com eles?

— Pois claro — mentiu ele. — Vou já.

Levantou-se lentamente. Bom... agora devia ir vestido? Fardado ou com um daqueles fatos à paisana antigos?

Olhou para o espelho e sorriu para si mesmo.

— Tim! — gritou-lhe a mãe lá de baixo.

Os visitantes apinhavam-se ao fundo da escada, olhando para cima, à espera de o verem surgir.

— Vivam! — disse-lhes ele, a sorrir; e, dum momento para o outro, viu-se rodeado duma multidão animada que lhe batia nas costas e lhe apertava a mão furiosamente. Não sabia que lhes disser, não tinha palavras para esboçar um agradecimento sequer. E que ao fim e ao cabo, toda aquela santa gente era ainda a mesma dos outros tempos, a quem ele agora respondia às perguntas mais variadas. Mas no fundo, bem no fundo, ele é que já não era o mesmo, todo ele, a alma e o corpo, se tinham transformado.

Era precisamente o que teria de contar nessa noite a Kit. Se tivesse coragem para isso — pensou — ou se ela o ajudasse a descobrir concretamente o que nele sofrera modificação.

A noite foi jantar a casa dos pais dela e, por fim, ficaram ambos sôzinhos. Estavam sentados num divã comprido, muito juntos e em silêncio.

Súbitamente, a rapariga ergueu a cabeça para ele:
— Que foi? — perguntou-lhe, sentindo um enorme sobressalto. Teria ela descoberto a transição que se dera nele?

— Nada. Sinto-me apenas feliz — respondeu Kit, com simplicidade e comção.
— Kit — começou ele a dizer em pensamento. — Parece-me que devemos casar agora, o mais cedo possível. Acho... acho que já esperámos demasiado.

Beijou-lhe os cabelos com força. Não, não era realmente altura propícia para a pedir em casamento, nem tão pouco sabia que espécie de homem era ele agora, depois de ter abandonado a guerra.

Na manhã seguinte, dirigiu-se ao pai:

— Primeiro que tudo tenho de ver se me emprego.

— Tencionas voltar para o trabalho de antigamente?

— Tenciono trabalhar em qualquer coisa, pai.

— Não queres continuar na aviação?

— Não! — respondeu Tim violentamente. Voa! Seria ele capaz de se meter num avião sem se recordar daquele maldito tempo em que era enviado para as missões da morte?

— Compreendo a tua atitude — exclamou o pai. — E se fossemos falar com o Sr. Gedsoc para ver o que se pode arranjar?

O tal Sr. Gedsoc tratou-o com muita cortesia. Recebeu-o, mal soube que o procurava — o que era contra os princípios dele — e levantou-se da secretária assim que o viu entre a porta do escritório.

— Já esperava por si! — exclamou, apertando-lhe a mão. — Tinha a certeza que assim que viesse trataria logo de procurar emprego...

— O meu lugar está disponível!

— Tenho tido um empregado a substituí-lo, mas vou passá-lo para a secção de vendas. Pode voltar, portanto, para o seu antigo lugar logo que queira.

— Muito obrigado, Sr. Gedsoc — disse Tim.
E com isto saiu do escritório da firma de aparelhagem eléctrica «Gedsoc & Billings», a caminho de casa.

Em boa verdade não havia razão nenhuma para se atemorizar perante a vida que iria viver de novo. Kit tinha-o respeitado durante a sua longa ausência e o seu antigo emprego ali estava à espera como no dia em que saíra da cidade.

Abriu a porta de casa lentamente, subiu as escadas e fechou-se no quarto. Sentia uma indefinida necessidade de falar com a Kit, mas ao mesmo tempo achava-se tolhido, incapaz duma decisão. Ainda não tinha passado um quarto de hora, quando a mãe lhe bateu à porta:

— Tim, a Kit está ao telefone.

— Está bem — disse-lhe — e desceu as escadas a correr para responder à chamada.

— Não vens ter comigo, Tim? — perguntava a voz de Kit.

— Claro que vou. Queres ajudar-me a comprar umas roupas, Kit?

— Oh, vai ser estupendo! — exclamou a namorada.

Foi realmente estupendo, mas assim metido em roupas novas parecia ainda mais diferente do que nunca, e quando atirou fora a farda teve a sensação nítida de que estava a enterrar qualquer coisa. Passaram uma manhã divertidíssima, mas apesar disso Tim não disse à noiva que já tinha emprego, e nem sequer soube porque lhe ocultou. Veio com ela para casa, onde amocaram com os pais dele. Todos lhe teceram grandes elogios pelo fato castanho que acabara de comprar.

— Estás mais encorpado que dantes, Tim — declarou-lhe a mãe. — Apesar de tudo, a guerra ainda te trouxe algum bem... Claro, agora que estás aqui são e salvo é que eu te digo isto.

Tim sorriu: era mais fácil sorrir do que responder.
— O Sr. Gedsoc sempre tinha lugar para ti? — tornou a pobre senhora no mesmo tom entusiasmado.

Mas o pai cortou imediatamente:
— Claro que tinha, Sally, mas o Tim agora deve andar preocupado com outras coisas... Então, tens a tarde muito ocupada, Tim?

— Até às quatro estou livre. Depois vou com a Kit a uma festa que dão uns amigos dela, e...

— Nesse caso poderás passar pelo meu escritório daqui a pouco? É que precisava de falar contigo sobre umas coisas.

O escritório do velho tinha ainda o mesmo aspecto de antigamente, as mesmas estantes pesadas de livros encadernados, a mesma secretária carregada de papéis.

— Entra! — gritou-lhe o pai.
E entrou. Atravessou o gabinete e sentou-se na cadeira em que os clientes costumavam sentar-se.

— Precisava de ter uma conversa contigo antes de entrares ao serviço do Gedsoc. Não sei se te lembras ainda daquele novo tipo de máquina de escrever eléctrica que andavas a estudar... uma ideia com muito interesse, na verdade.

— Tinha-me esquecido disso — disse Tim.
— Pois muito bem. Gedsoc ainda está interessado no assunto, e eu queria precisamente avisar-te de que conversei várias vezes com ele sobre o caso. Querias dizer-te que me parece que não te devem convir lá muito as condições que ele te quer impor. Gedsoc quer ficar com a patente e com os direitos em conjunto...

Lá fora um ramo de maceira agitava-se ao vento contra a vidraça.

(Continua na pag. 12)

RONDA DO MÊS DE SETEMBRO

por Francisco Mata



gritou: «Quando Murphy paga um «drink», toda a gente paga também». E safu.

CONCURSO DE EPITÁFIOS

Em Hollywood realizou-se recentemente um concurso de epitáfios. Inscreveram-se centenas de celebridades do cinema: actores, escritores, directores, etc. Eis os premiados e os respectivos epitáfios que escreveram para as suas lápidas futuras: CLIVE BROOK: Não posso levantar-me, desculpe... CONSTANCE BENNETT: Por favor, não incomodem. DOROTHY PARKER: Desculpem esta poeira... HEDDY LAMARR: Isto é fundo de mais para mim... ORSON WELLS: Eu bem vos dizia... OWEN DAVIS: Aqui jaz um autor, como de costume... BETTE DAVIS: Sinto-me tão só...

O INDISPENSÁVEL SÃO LUIZ

O São Luiz é uma sala que Lisboa nunca conseguiu dispensar. Faz-nos sempre muita falta. O São Luiz é um dos nossos raros casos de classe, de categoria que não pode desmentir-se. Fiel ao muito que lhe queremos, o São Luiz não se descuida e faz por apresentar-se sempre muito bem, sem espalhafatos ou «novo-riquismos», antes com uma elegância que, diga-se de passagem, no Chiado se vai corrompendo, esfarelendo, lentamente. Pois o São Luiz abriu de fato novo, maior, forrado a damasco vermelho, cheio de amenas temperaturas condicionadas, e cristais, e brilhos, e a simpatia de João Ortigão Ramos e de seu filho, também João, que segue as belas pisadas do pai, na gerência da mais sólida casa de espectáculos deste país. É uma pena que João Ortigão Ramos não se decida, um dia, a ser empresário teatral. Com a sua competência, autoridade, educação e bom gosto, que tremendas e salutaras vassouradas ele não dava por aí. E o teatro ficava a ganhar. Oh, se ficava...



A GRANDE VALSA DO MONUMENTAL

O Monumental abre a valsa e com Laura Alves em «spontas». Haverá música de Strauss, sedas, veludos, trinados, bailes e outros aparatos. De Paris transplanta-se para Lisboa uma

opereta célebre. Yvonne Printemps entrega a Laura Alves, «très gentilmente», o papel mais célebre da sua carreira de actriz celeberrima. Pierre Fresnay gostaria de fazer outro tanto, mas à hora em que escrevo esta prosa, o empresário ainda não encontrou galá que se veja. Lembrei-me eu de oferecer os meus préstimos às «Três Valsas», ou valsa-tríplice, mas com a condição de não cantar, ou seja, a seco. Responderam-me que «triple-secs», nunca, jamais, era impossível, etc. e tal. Perdi, desta guisa, a única oportunidade que se me deparava de, com um foco verde em cima, fazer grossa colheita de batatas, repolhos, rabanetes e outras hortaliças.

TEATROS E TEATRADAS...

Com a época a rebanar, projectos não faltam. E alguns até bastante intelectuais, o que fica muito bem aos que se decidiram a eles, mas carecem da matéria-prima para levantá-los à altura do seu valor. Pirandello, Thornton Wilder, Saroyan, Anouilh? Mas encantados! Bravo! Mas... encenados por quem e... com quem? De modo que tememos sinceramente que uma tão bela ideia para aplicar a actividades teatrais não venha a formar-se em... teatradadas. O que, diga-se de passagem, não admira. Um crítico teatral, creio que da Emissora, há tempos, para criticar uma revista má do Maria Vitória, sentiu a necessidade irreprimível de citar Aristoteles e outros gregos. O rapaz disse asneiras mas, caramba, lá erudiçãozinha provou ele que a tinha. E da boa!



ELES CANTAM E ENCANTAM

Estas coisas nunca se percebem, mas a verdade é que acontecem e nos saltam aos olhos. Mesmo que uma pessoa tente não reparar nelas, essas mesmas estranhas coisas metem-se em conosco, metem-se nos à cara e gritam que existem, que sim senhor, que é assim mesmo, por aí fora. Refiro-me, claro está, à incrível, doentia, absorvente popularidade de um tenor da moda, que canta na rádio (não é o sr. Odillon, não senhor), e encanta todas as donzelas e senhoras casadas, viúvas e solteiríssimas deste

A moda em Paris

Pela nossa redactora privativa Alcine

O que vamos usar este inverno

Um primeiro golpe de vista às colecções adverte-nos de que as saias vão descer um pouco, as golas subir, e a roda voltar. O azul, o verde, o encarnado e o preto parecem ser as vedetas da cor. Regras absolutas? Claro que não, pois os mestres da costura têm inclinações diferentes e modificam, por vezes, nas colecções mais de inverno, as próprias tendências que agora nos sugerem. Mas vejamos o que fazem os «três grandes» da costura actual, pois assim os considero: Dior, Fath e Jacques Griffe.

Christian Dior tem a ciência das proporções. A coisa flagrante, na sua colecção, é o alongamento das saias e a sua largura, que é posta em relevo por saias de baixo rangendo sedas... Ombros sem enchimentos, busto justo, e cintura mais descaída. Os vestidos de «cocktail» e jantar são curtos (quer dizer, altura dos de tarde) e decotados. Os de grande «toilette» de noite são compridos com a roda puxada para trás. Os tecidos, na maioria dos casos, são aveludados e sumptuosos. Como cores temos o preto, encarnado, verde, castanho, e todas as cores de Outono.

Jacques Fath simbolisa a silhueta de mulher que nos apresenta com três triângulos. Chama-lhe «a leoa da moda de 1952». Na cabeça, um chapéu de aba prolongada; no casaco uma gola ou «romeira-capas» debruada a pele; e a saia em forma de grande sino. A roda parte da altura das ancas, alargando em pregas ou franzidos sobre uma saia de baixo rígida. Também as vims plissadas, rufadas, e em plissado «soleil». Os vestidos alfaiate são clássicos. Os casacos fê-lo em tecidos no género de peles, e em lãs peludas. São casacos-capas ou casacos-sobre-casacos (redingote), vagos e confortáveis, e também os apresentados feitos em folhos de plissado-soleil. Os vestidos de dia são herméticamente fechados, de golas subidas, levemente drapeados, por vezes. Para a noite, tratando-se de vestidos chamados «de dançar», são de saia e blusa. Blusas preciosas, bem entendido, no velho estilo. Como cores, castor «toupé», verde-vesúvio, os amarelos, cor de mel, e o «mordoré».

Jacques Griffe fez duas linhas nítidas: a larga e a cingida. A característica da colecção nota-se na forma do busto, em «crescentes», e das mangas, em arco. Os vestidos de fazenda, muito estreitos, são drapeados em duplos crescentes. Os casacos, fartos, têm mangas embandadas, montadas bastante abaixo do ombro. Golas muito importantes, ou nenhuma gola. Cintura marcada, levemente subida. Saias com roda assimétrica. O vestido de saia e casaco substitui muitas vezes o casaco, ideia esta muito querida de Jacques Griffe, e que já tinha esboçado. Capas curtas e compridas, com ou sem capucho, algumas cortadas inteiras, em forma de casulo, sem costura. Vestidos de noite com «tournure». Como tecidos, veludo, cetins, tules e rendas. Lãs peludas e macias, lãs novas para invernos rigorosos. Parece que foram os tecidos para casaco que mais preocuparam os fabricantes: pêlo alto e sedoso, por vezes imitações de peles, pêlo delatado e brilhante, ligeiramente ondulado. O pêlo, de diversas dimensões e características, está na ordem do dia neste início de estação.

OS CHAPÉUS

Os primeiros que aparecem são pequenos e médios, de uma forma geral. Há excepções, bem entendido. Dior, por exemplo, apresentou capelines bastante grandes. Claude Saint Cyr também, entre as quais algumas transparentes. Encontram-se também de veludo na colecção de Albony, que lança igualmente as formas em altura: copas ponteadas, em cone estreito, totalmente bordadas a lantejoulas douradas ou prateadas, reluzindo sob véus imensos colocados em forma de «abat-jour», o que dá uns tocados tipo «clowns» muito estilizados, excêntricos, mas encantadores para emoldurar caras bonitas. O chapéu de Paris suporta todas as ousadias, pois que, de linhas bem estudadas, quer seja visto de frente, de perfil ou por detrás, é sempre harmónico e elegante. Rose Valois fez muito as abas em forma de losangos. Françoise Ray dá-nos copas pequeninas e chatas que encaixam perfeitamente na cabeça. Há gorros igualmente agarrados à cabeça, mas as copas em altura abundam. Simone Cange dá-las drapeadas, com pinças, etc. Svend, o audacioso, faz uma verdadeira revolução. Tudo é capricho e fantasia: plumas, formas cónicas muito altas, e quer se trate de feltro, taupé ou melusine, trabalha as copas muito altas, com drapés, por vezes tombando, depois, sobre um olho.

Paulette, muito parisiense, lança o chapéu transformável. Branco para de manhã, de copa pequena e aba direita, surge-nos de material muito mais rico e cor escura, pronto a servir para a tarde ou jantar de pouca cerimónia, descondando-o, simplesmente, como quem despe uma fronha a uma almofada. Emma Pierron é a revelação do momento, triunfando com os seus modelos muito femininos: «bibis» encantadores que ficam sempre bem, uma guarnição de penas, de fita, uns drapeados de mousseline, por vezes uma grande laçada enriquecida no remate por uma joia. Na sua colecção vêem-se as «cloches», «canotiers», os toques, e, principalmente, o bicórnio, que descobre o perfil e ensombrea levemente a fronte. Jean Patou recorda-nos o alto Egípcio com os seus modelos de inspiração oriental, as copas altas cheias de plumas, as palmas bordadas, os turbantes, as corjas de pedrarias esboçando um bico a meio da testa, etc.. Achilles, o jovem modisto grego, artista até à ponta dos cabelos, fecha sensacionalmente os desfiles com um êxito retumbante; apresentou todos os seus chapéus em manequina que «fivelavam máscaras extraordinárias, subtis, de linhas e cores originais, impossíveis de descrever». Os chapéus são atrevidos na forma, e de muita novidade, e executados em materiais até hoje nunca usados na moda. E aqui têm um leve resumo do que Paris apresentou neste início de estação, e que decidirá da moda que vamos usar e que, duma maneira geral, se apresenta sóbria, tendo banido muitas extravagâncias, prática nas tendências para as transformações, talvez com melhor estilo e mais categoria do que em estações passadas.

Os cabelos, ou surgem lisos, esticados, terminando com grandes carrapitos; de caracóis chatos, agarrados à cabeça como uma escultura; ou levantados ao alto, um tanto volumosos, rematados à esquerda com um laço. Em todos os casos, fazendo cabeças pequenas e sem se verem caídos.

ALCINE



LEVA CINEMA

Música de fundo

SÃO realmente estranhos e complicados os caminhos do comércio e da indústria. Onde ao homem comum se afigurava surgir o lucro fabuloso, está para o comerciante menos dotado a indicação evidente do mais completo fracasso. E, como se sabe, foi perdendo dinheiro que muitos milionários fizeram a sua fortuna...

Vem isto a propósito dum acontecimento, certamente comercial, que entre nós tomou raízes e se vem desenvolvendo há um bom par de anos. A receita é bem simples: *para ver um filme é-se obrigado a ouvir música*.

Isto, que bem poderia servir de slogan a qualquer mercadoria mais comestível, toma aqui um significado trágico.

Pois trata-se de cinema, senhores. E de música. Trata-se, em suma, de coisas do espírito, e com essas não se deve brincar de qualquer maneira.

Assim é que não. Ao cidadão incauto o programa pode parecer tentador: música e cinema pelo mesmo preço não é coisa para desperdiçar. Mas basta-lhe sentar-se uma vez diante dum palco espaçoso e ouvir os primeiros acordes dum negregado órgão para se sentir imediatamente ultrajado.

Ultrajado, pois então!

É que aquele cavalheiro que rompe do chão encarrapitado num instrumento-fantasma, subindo, subindo, até uns dois metros acima do palco, representa, francamente, uma ofensa à categoria intelectual do senhor espectador.

Tudo, mas tudo, parece estar combinado para ofender a sua qualidade mental: as luzes coloridas, os efeitos baratos que nem as revistas do Parque Mayer ousam já apresentar, a qualidade da música — tudo representa uma das maiores chacotas que se têm feito ao gosto e ao nível intelectual do nosso público.

E o espectador, com os olhos encadeados por aquela fantasia insubstancial de novo rico, não pode fugir sob risco de perder o filme. Ah, aí é que está o segredo comercial: *se quer cinema tem que ouvir primeiro o organista*.

E não há remédio. Fica-se uma pessoa amarrada ao *fauteuil*, como a uma cadeira de suplício, ouvindo Tchaikowski, Falla, Gershwin, Granados, fados e valsinhas de Strauss, música folclórica — tudo sem distinção nem escrúpulo, amarrado pelo génio do artista de fama internacional.

E depois as legendas! Frases do pior quilate, observações erradas e tendenciosas que chapam no «écran» para «elucidação» do respeitável público.

Sabemos que há quem goste de pantomimas deste estilo, sabemos que a incultura e o mau gosto ainda não se debelaram entre nós, como de resto noutros países civilizados do mundo. Mas será tarefa duma empresa comercial divulgar o mau gosto ou, pelo contrário, refreá-lo na medida do possível?

Como explicar que no mesmo dia e no mesmo local o mesmo espectador bata palmas a um cavalheiro encarrapitado num órgão de cinema à maneira dos artistas do tempo do mudo, e que, minutos depois, aprecie uma película de David Lean, sóbria, séria e de elevado nível artístico?

E com que razão se atira diariamente aos ouvidos do espectador que se trata dum prodígio musical e outras frases encomiásticas quando apenas se verifica uma pobreza de recursos aflitiva e uma falta de decência quase sinistra?

É que também aqui se menosprezou o nosso cidadão. Também aqui se pôs de parte o seu conhecimento médio. No fundo, tratam-nos como se fossemos uns provincianos do mundo que nunca tivéssemos saído desta toca nem tivéssemos sequer aparelhos de rádio para ouvir um ou dois organistas cuja fama é também mundial e a música um pouco mais decente e honesta.

Não! Esta música de fundo é que não serve. Com o mesmo dinheiro apresentem-nos complementos estrangeiros (já que parece ser este o caminho de embriagar a propagação); tragam-nos artistas de *music-hall* que não tenham a coragem de cantar Bach diante duma orquestra de cegos de rua, tragam malabaristas, palhaços *pin-ups*. Tragam tudo o que quiserem, mas tragam bom, coisa que dê pelo nome e não uma novidade como esta que nem sabemos que nome se deva pôr-lhe.

Isto para não termos a pretensão de pedir que nos deem complementos de boa música, coisas que — obrigar por obrigar — sempre trouxessem algo de proveitoso ao nosso público.

C. P.



A SETIMA MULHER DO BARBA AZUL

QUANDO Clouzot, o notabilíssimo realizador de «Le Corbeau», começou a rodar a sua nova interpretação da «Manon», uma nova «estrela» se apresentou nos estúdios parisienses: Cécile Aubry. Nessa altura era ela uma colegial de dezasseis anos, que entrara no cinema por um concurso levado a efeito pela Imprensa. Mas, dum dia para o outro, o seu nome tornou-se mundialmente célebre graças ao novo tipo de mulher fatal que acabava de criar — um género de Eva diabólica, cheia de poder feminino e ao mesmo tempo gaiata e ingénua.

Ao contrário das Ofélias do cinema americano, de longas e enfadadas «sposes», ou da nostalgia poética à maneira de Madeleine Solagne, Cécile Aubry aparecia irrequieta, viva, numa palavra: natural.

E foi por isso que Christian Jacques, director de «Le Diable au Corps», a convidou para desempenhar um dos papéis mais notáveis da cinematografia francesa. Cécile Aubry vai aparecer a incarnar a figura de Aline, a Sétima Mulher do Barba-Azul.

Contracenam com ela Pierre Brasseur e Hans Albert (o protagonista de «O Meu Destino é o Mar»). O filme começou a ser rodado nos estúdios Thiersee, na Austria, e vai ser apresentado em francês e alemão, simultaneamente.

DANIELLE E OS SEUS VINTE ANOS DE CINEMA

Pois então! Vinte anos certinhos, feitos no mês passado. É que o tempo não perdôa, e os americanos que agora acabam de delirar com «Rich, Young and Pretty», a nova película da Metro, em que Danielle aparece ao lado de Jane Powell e Wendell Corey, quase não acreditariam nos seus olhos se não fossem confrontados com aquela garota enfiada com a senhora de sociedade e cheia de ar circunstancial que aqui se vê nos estúdios de Epinay, onde está a interpretar «La Maison Bonnardieu», celebrando os seus 20 anos de artista do écran.

Com este ar animado, esta atitude juvenil, é realmente a jovem das vinte primaveras. O que sobra não diz respeito ao cinema e, portanto, nem aos que, como nós, a conhecemos apenas na tela...



A GRANDE PAIXÃO DE

Glenn Ford

POR mais estranho que possa parecer, a grande paixão de Glenn Ford é o filho Pete! Aqui vão duas ou três frases entusiasmadas do pai obcecado, que chegam para demonstrar a que ponto vai a sua grande paixão:

«Vou com ele à pesca e, zás!, cal-me ao rio. Dou um passeio de carro com ele não há loira nenhuma a quem não se ponha a assobiar... Ah, gostavam de ter um filho assim, não é verdade?».

Evidentemente que exageros desta ordem não se podem levar a mal a um pai extremoso como Glenn Ford. Mas o mais estranho é que ultimamente a esposa do consagrado actor (que por sinal é também uma actriz consagrada: Eleanor Powell), começou a dar sinais de alarme contra esta hiperidolatria.

E na verdade não havia entrevista nos jornais ou conversa íntima em que o Pete não viesse à baila. Este menino-prodígio de seis anos passara na crónica de Hollywood, de agradável representante dum lar calmo e feliz a pomo de discórdia entre os pais.

Eleanor Powell, que, pelo menos em público, coubera manter uma inteligente reserva com o caso, acabou por perder a paciência.

— É demais — disse ao repórter da *Photoplay*. — Glenn estraga-o com mimos, enfastia os amigos com as anedotas do garoto, e em casa não faz outra coisa senão brincar com ele.

E por seu lado, o pai obcecado, afirma com a maior calma:

— Durante dois ou três anos fiz por ser um pai exemplar, irreprensível e exigente. Mas acabei por verificar que isso só era desagradável e contraproducente à mentalidade do Pete. Aliás, que importância tinha que ele viesse para a rua com o cabelo em desalinho ou com as orelhas por lavar? As crianças devem contrariar-se o menos possível, e acho que Ellie tem abusado um pouco da sua autoridade de mãe.

Pronto! A bomba estourou. Ellie (Eleanor Powell) desatou a citar casos e mais casos da pedagogia errada que o marido aplicava ao filho. Entretanto, Glenn Ford parte para França, onde vai filmar «White Towers».

Os jornais londrinos começam a falar dum novo idílio a 3.000 metros de altura: o cenário é o Monte Branco, uma aldeia perdida na neve, junto de Chamoniix, e os personagens são Glenn Ford e Valli, a protagonista de «O Terceiro Homem».



Um casal e o pomo da discórdia. — Por que razão não abraça o Peter a mãe?

E por coincidência, como que ignorando por completo o caso, Eleanor Powell vem abertamente a público, declarando que, se ao voltar a França, o marido não mudasse de atitude para com ela e para com o filho... teria que ir para uma solução mais razoável, pois não estava disposta a perder o filho com uma educação errada, da qual Glenn era o único responsável.

O curioso é que os cronistas de Hollywood atribuem esta resolução de Ellie não ao medo de perder o filho, mas... ao receio de perder o marido, que naquela altura contracenava em França com Valli e parecia não saber coisa alguma do drama que lhe estava preparado.

UM PINTOR CÉLEBRE E UMA ACTRIZ QUE COMEÇA...

QUEM viu esse admirável «Rio Escondido» reparou nela, com certeza. Era a segunda personagem feminina do filme, uma jovem meio apagada, mas cheia de talento e de beleza trágica.

Nessa altura estava profundamente enamorada do famoso realizador Emilio Fernandez, que por um escrúpulo injustificável («Amor, amor — negócios aparte»). lhe não quis dar o primeiro papel de «Maclovía» ou de «La Malquerida».

Mas embora Maria Félix, a primeira «star» do México, ofuscasse as plateias de todo o mundo com o seu génio admirável, a figura da nova artista não passou de modo algum despercebida e impôs-se na força e na sobriedade da sua representação.

Na Europa, na Sardenha, para sermos mais exactos, o realizador Augusto Genina descobriu-a «não só pela sua grande envergadura artística», como declarou, «mas ainda pela beleza admirável das linhas e dos gestos».

Assim surgiu o nome de Columba Dominguez no primeiro plano da cinematografia mundial. Genina chamou-a à Itália, onde se encontra a interpretar o primeiro papel de «L'Edera», uma produção sobre um romance de Grazia Deledda.

Mas se Genina se vangloria de ter sido o primeiro realizador a enaltecer-lhe o talento, já o mesmo não podia dizer quanto à descoberta da beleza trágica de Columba Dominguez.

Ainda ela mal entrara no cinema, já Diego de Rivera, um dos maiores pintores do nosso tempo, a lançara na imortalidade numa tela admirável. E escusado será dizer que um pintor como Rivera não se contenta apenas com a beleza fria e correcta dum modelo, mas antes não dispensa certo cunho original, certa força interior, que lhe dêem motivo de interesse para a sua arte.

Como se vê, tanto no que diz respeito à beleza excepcional de Columba como no que se refere ao seu talento, o realizador Augusto Genina não foi o primeiro. Mas chegou a tempo...

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Fátima continua a ser motivo dilecto dos realizadores peninsulares. Além dos documentários e dos filmes portugueses feitos e em projecto, vem-nos agora de Espanha uma nova película sobre o mesmo tema.

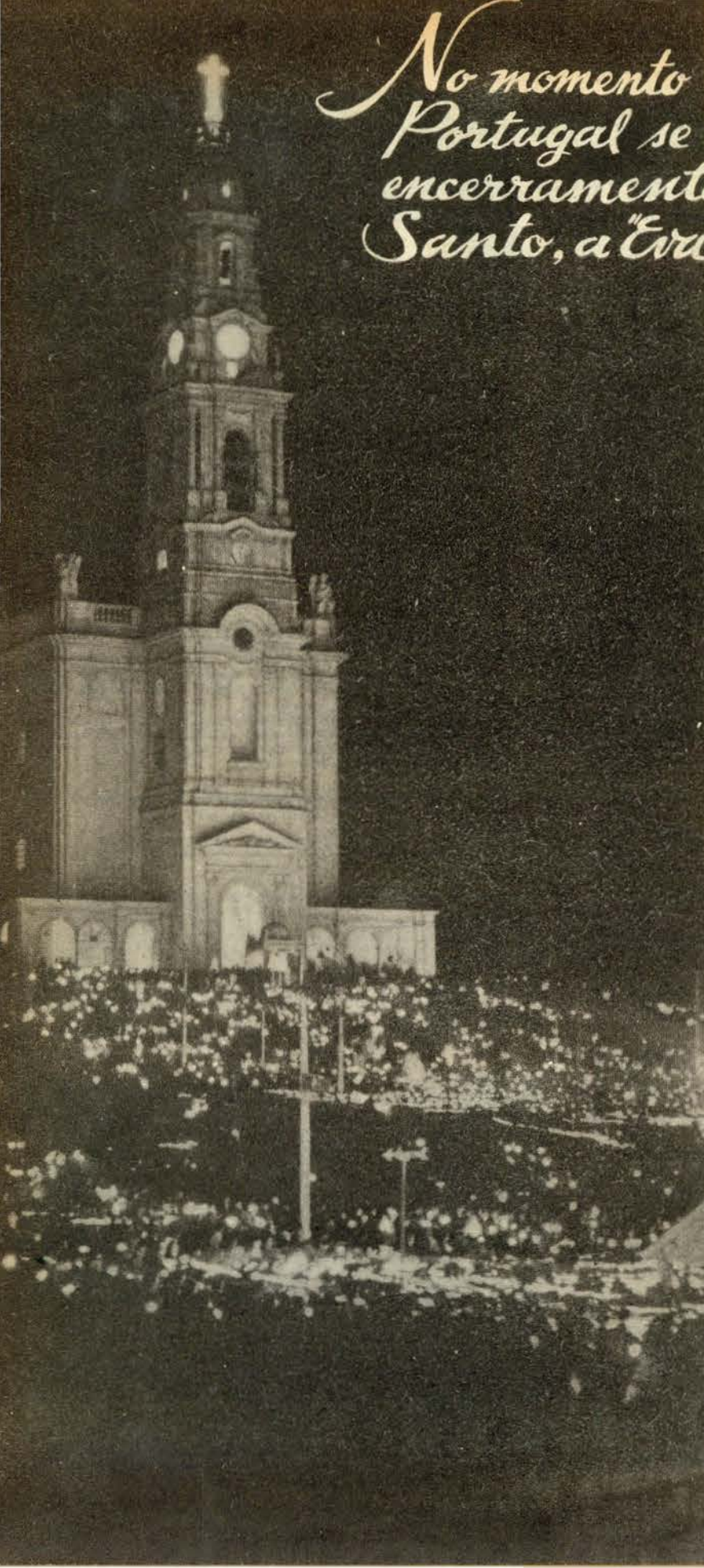
É «Nossa Senhora de Fátima», que Rafael Gil realizou em Espanha e vai apresentar entre nós, em versão portuguesa, durante o fecho das comemorações do Ano Santo.

Os três pastorinhos da Cova da Iria são desempenhados nesta nova produção por Maria Dulce — a estreade de «Frei Luis de Sousa» — Inês Orsini — a artista italiana de «Céu sobre o Pântano» — e pelo jovem espanhol José Maria Lado.

Noutros papeis: Erico Braga, Fernando Rey e Maria Rosa Salgado.



No momento em que em Portugal se celebra o encerramento do Ano Santo, a "Eva" apresenta:



FÁTIMA

PORTA SANTA DO MUNDO

REPORTAGEM ESPIRITUAL DOS MARAVILHOSOS ACONTECIMENTOS DA COVA DA IRIA

A PENAS trinta e quatro anos volvidos sobre a última das aparições — a do anunciado sinal nos céus — Fátima vive este mês, no dia 13 de Outubro, o seu mais glorioso dia. Grande foi, para o seu realce na cristandade, o 13 de Maio de 1946, quando, precisamente um ano após a guerra, o Cardeal Masella, na sua qualidade de Legado do Papa, diante de mais de quinhentos mil peregrinos, solenemente coroou a imagem da Cova da Iria, A Rainha da Paz e do Mundo. Era — uma apoteose deslumbrante, em que tomaram parte nações agradecidas pela nova Paz — a consagração pontifícia, digamos assim, da realidade de Fátima. Agora, cinco anos depois da excepcional jornada, não é somente a consagração de Fátima: é a sua eleição — entre os vários santuários do orbe — para ser como que o centro jubilar universal, Porta Santa da cristandade neste Ano Santo de 1951.

Portugal — Terra de Santa Maria, desde sempre — estava singularmente indicado. A Cova da Iria é assim a coroa de uma devoção quase de mil anos, assinalada no país, de lés-a-lés, por templos e capelas tão celestiais, que até os incrédulos de boa vontade e todos os desolados de alma sentem a tentação divina de nelas ajoelharem, rezarem e chorarem, numa doce penitência acaso sem palavras...

As noites de Fátima são agora as mais belas do mundo: quase sobrenaturais em tudo, pelo clima que as distingue, pela sua claridade, toda ela de fervor e súplicas. Centenas e centenas de milhares de almas oram na Cova da Iria, ano após ano, cada vez mais. Num plebiscito de crença e misericórdia colectiva, numa imploração de bênçãos e de paz. Não são portugueses apenas que vão agora a 13 de Maio, a 13 de Outubro, no dia 13 de qualquer outro mês implorar a Virgem, junto à Capelinha das Aparições. São

peregrinos de todos os lugares da terra. E Fátima, pelo seu dom, nunca mais sai dos olhos e da alma a quem uma vez a viu, no auge do seu esplendor, naquelas assombrosas noites de "procissão das velas". Não há outra noite assim, noite de milagre, de bênçãos e graças, no cimo de uma serra — actualmente um novo Sinai iluminado para os povos. A bênção dos doentes — a 13 de cada mês — impressiona como um drama incomparável, feito de ais e lágrimas, de desiluições sem revoltas, de resignações que bradam à misericórdia divina, de curas surpreendentes.

Fátima impôs-se. A sua bibliografia aumenta a olhos vistos, em várias línguas. A literatura descobre-a. O cinema aproveita-a, dentro e fora de Portugal. E as imagens

da Virgem Peregrina percorrem os continentes e os mares, com rumos infinitos e de forma triunfal, fazendo curvar, até, os próprios infiéis.

Os peregrinos afluem cada vez mais à Cova da Iria, onde a terra se acaba e o céu começa...

Fátima — como escreveu o glorioso poeta e acadêmico francês Paul Claudel — é «uma explosão de fé», «uma violenta (ia a dizer escandalosa) erupção

SUA EMINÊNCIA, O CARDEAL TEDESCHINI, LEGADO A LATERE DO PAPA AO ENCERRAMENTO DO ANO SANTO NA COVA DA IRIA, DIGNOU-SE HONRAR A «EVA» COM ESTA MENSAGEM ESPECIAL QUE A SEGUIR REPRODUZIMOS:



Constitui para mim muito sincero regozijo o verificar o interesse que a revista «EVA» demonstra pelo próximo e triplice acontecimento: a glorificação de Nossa Senhora de Fátima, a escolha que o Santo Padre fez daquele insigne Santuário para o encerramento do Ano Santo e a solene determinação de Sua Santidade nomeando um Seu Legado a Latere para que Ele mesmo esteja presente nesta solene celebração.

Apraz-me, neste momento pôr em relevo um só destes aspectos: a distinção que Portugal mereceu ao Sumo Pontífice e a fervorosa correspondência da Nação à preferência do Papa.

Preferência e distinção: muito verdadeiras uma e a outra e de muito merecida honra para a Igreja de Portugal e para o dilecto povo português. É a fé de Portugal que preparou este gesto, cultivando cristãmente a família e educando as crianças portuguesas de forma a torná-las célebres como os grandes da sua História, ao ponto de terem sido escolhidos pela Virgem para depositárias e anunciadoras das suas Augustas Mensagens.

Não precisarei exortar a mulher de Portugal, tão claramente benemérita e tão justamente digna de encômios. Basta-me confiar nela, pois nunca se afastou do seu dever nobre e cristão; basta-me outrossim, depositar confiança na Imprensa portuguesa, que compreende e cumpre a missão de conservar e fazer aumentar na mulher, a gloriosa tradição do País.

Olhando a tão elevado objectivo, abençoação a Directora e os colaboradores da «EVA», certo de que colocarão dignamente a sua douta pena ao serviço da Mensagem de Fátima e da palavra de Cristo e do Papa, para honra eterna da Pátria.

Roma, 21 de Setembro de 1951.

Federico Cardinale Tedeschini

do outro mundo para aquém das fronteiras, sem paz, da nossa Terra». Já se publicaram mais de 200 livros, em português, inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, holandês, flamengo, jugoslavo e polaco sobre Fátima, e são 12, das quais 9 em línguas estrangeiras, as revistas que tratam do mesmo assunto.

É neste quadro de projecção universal da Cova da Iria que Pio XII quis juntar às glórias do seu Pontificado, uma nova glória: a de ser o Papa de Fátima.

Com a maior surpresa e o maior júbilo os católicos portugueses receberam a notícia de que o encerramento deste ano jubilar de 1951 ampliado a todo o mundo, seria celebrado em Fátima, por decisão de Sua Santidade.

Creio que se trata de um facto sem precedentes: Pio XII cedeu a Fátima os augustos privilégios de Roma, ao determinar que as solenidades deste Ano Santo em curso se celebrem na Cova da Iria.

Desta forma, fica bem patente o valor de Fátima perante a Igreja e a sua certeza perante o Pastor supremo. A Cova da Iria converteu-se realmente em alto cimo para a toda a cristandade — perante o qual a Roma de Pedro não hesita em ceder privilégios tradicionais.

Esta decisão vem na hora própria; no auge de Fátima, no auge da sua expansão católica, universal.

A hora é, pois, de gratidão Nacional a Pio XII, por mais esta prova de afecto a Portugal. É de júbilo também, porque a decisão pontifícia vem dar todo o realce de uma auroridade suprema à realidade espiritual que toda a Nação tem nas pupilas dos olhos

DINIS DA LUZ

I — PASTORINHOS BRINCAVAM NO ALTO DE UMA SERRA

ERAM três: Lúcia, Francisco e Jacinta. Aberto cada um seu gado, haviam saído do lugar de Aljustrel, já com o sol, e encontraram-se em Fátima, na serra, onde juntaram suas trinta e tantas ovelhas castanhas e brancas. Lúcia, a mais velha (dez anos), ao escolher a pastagem do dia, disse com seu arzinho de mando:



Todos os anos os doentes se arrastam até à Cova da Iria na esperança derradeira dum milagre salvador. A «missa dos doentes» é uma manifestação imponentíssima de tragédia e de fé que culmina com a bênção do Santíssimo.

— Vamos para as terras de meu pai, na Cova da Iria.

Obedecendo, os outros tocaram as ovelhas e lá foram através da charneca; e as suas tamanquinhas tachadas ora calcavam torgas e carriças, ora tropavam nos pedregulhos soltos da despida serra de Aire. Os animais iam ripando no que topavam ao alcance do dente, e seus chocalhos eram tristes no silêncio da manhã clara.

¡Que lindo domingo esse de 13 de Maio — mês de Maria! Limpidez de Céu, translucidez do ar, esplendor de sol. No chão verde floria o sargaço lilás.

O tempo foi passando: já tinham almoçado, dando cada um aos outros do seu farnel de pão centeio, queijo e azeitonas; já tinham rezado o Terço, junto de uma oliveira meã, que o pai de Lúcia plantara onde hoje está a fonte monumental.

Perto do meio-dia, subiram para o cabo da fazenda, no visio do oiteiro e começaram a brincar como brincam as crianças pobres — com tudo que têm à mão: pedrinhas, gravetos, montinhos de terra, folhas secas que apanham e juntam para isto, para aquilo: — para levantar casas, pontes, catedrais! Depois, no sítio que será amanhã um ponto de boa memória, no braço esquerdo do arco cruzeiro da Basílica que os pedreiros estão lavrando e erguendo, puseram-se a fazer um cerra-



A princesa Maria del Pilar, filha de D. João, pretendente ao trono de Espanha, ao lado de sua mãe, numa das suas frequentes peregrinações ao Santuário de Fátima, aguarda que a Virgem lhe conceda o milagre da cura da sua cegueira.

dito em torno de pequena moita de caruma apinheirada. As pastorinhas, Lúcia e Jacinta, acarretavam as pedras, e o Francisco, mestre alvanel de nove anos, dispunha-as num murinho solto, de palmo. Riam inocentes.

Seria meio-dia. Sol a pino. Calor de Maio. Súbito, viram como que um clarão de relâmpago, que os surpreendeu. Olharam para o Céu, para o horizonte e uns para os outros: a si viram-se mudos e pasmos, o horizonte limpo, e o céu luminoso e sereno.

— ¿Que seria?

Mas já Lúcia, sempre com aquela vòzinha de mando, ordenou:

— Embora, que pode vir trovoada.

— Pois vamos, disse a Jacinta, a mais novita dos três: — sete anos miúdos, tímidos, olhitos de espanto.

Chamaram o gado, tocaram-no e desceram pela direita; e a meio caminho, entre o cabeço deixado e uma azinheira nova que tinham pela frente, viram segundo relâmpago. Preocupados, continuaram a descer, e já à distância de duas varas dessa árvoze tamanina e bem-aventurada, o ar iluminou-se com um terceiro relampejar, e logo viram em cima da tal carrasqueirinha, numa claridade de ouro, linda menina, de uns 18 anos em flor, que resplandecia. Assustaram-se. Quiseram fugir. Mas essa «mulherzinha» (assim lhe chamou Lúcia) disse-lhes com voz infinitamente carinhosa, timbrada, aliás, de fina tristeza-beleza:

— Não tenhais medo, que não vos faço mal.

Então Lúcia, rude e afoita, perguntou-lhe:

— ¿De onde é vossemecê?

— Sou do Céu, respondeu Ela, ao mesmo tempo que, com a mão esquerda aberta e o polegar no ar, apontava para as Alturas azuis.

A pastora, toda penetrada do tom celeste daquela voz de ternura como jamais ouvira e que continha a luz e o perfume miríficos da Craça, ganhou confiança, «crente, de si para si, que se tratava de coisa boa que já a atraía e lhe dava gosto», como ela dissera adiante.

Perguntava-se:



Também o generalíssimo Franco tem por Nossa Senhora de Fátima uma particular devoção, que o levou a consagrar à imagem da Virgem um lugar especial na sua capela privativa.



— ;Nossa Senhora?

Objectava-se:

— Mas as imagens que conheço da Mãe do Céu todas são com o menino!

Porém, na intimidade do seu ser, uma luzinha, como ponta de agulhada ao sol, segredava-lhe:

— ;Nossa Senhora!

*
* * *

Essa figura esbelta, embora vaga, tinha as mãos erguidas à altura do peito, na postura de quem reza; e duma delas descia um rosário de contas nacaradas como pérolas grandes. A túnica (tão leve como translúcida) era branca e branco o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça como capuzinha de pastora dona-rica. Os pés, rosados e nus, roçavam uma nuvemzita de arminho que mal tocava os ramos da azinheira moça. E o rosto? ;De que cor os olhos, os cabelos e a face dessa figura de maravilha? Lúcia nunca o soube dizer ao certo, pois jamais pôde fitar nesse rosto resplandecente seu olhar deslumbrado!

— ;Era luz, luz, luz!, e, dizendo assim, dizia tudo, neste retrato-esmalte pintado sem tinta:

— ;Luz, luz, luz!

De novo o instinto religioso do seu devoto coração vagamente lhe insinuava que era Nossa Senhora.

— Mas não me atrevia a acreditar-me, porque me repugnava. ;Quem era eu?

E a tal «mulherzinha» formosa, de estranha sedução na voz de dulcíssima tristeza, foi respondendo ao que Lúcia corajosa lhe ia perguntando: — perguntas poucas e inocentes.

Por fim, a Aparição concluiu:

— Voltai aqui durante seis meses seguidos, neste mesmo dia e a esta mesma hora. Depois, vos direi quem sou e o que quero.

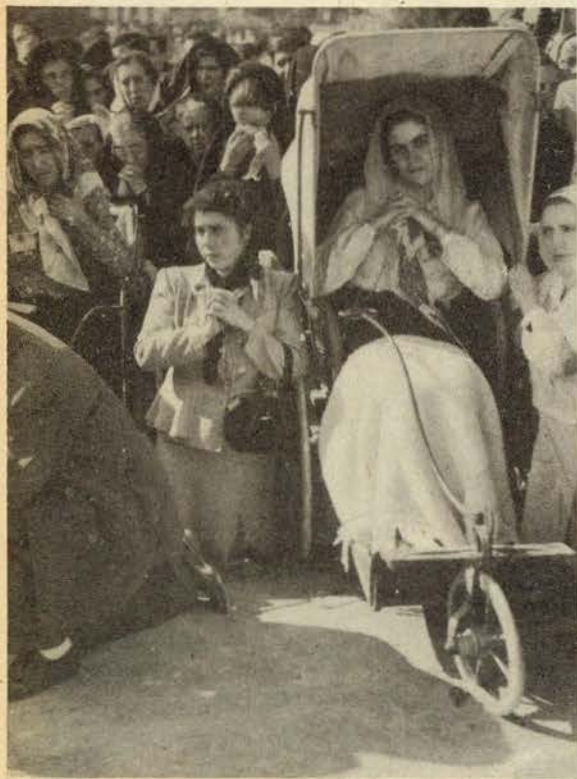
Dito isto, partiu.

Lúcia viu-a no ar:

— «Ia certinha», sem mexer os pés, para as bandas de onde nasce o sol; e, cada vez mais pequenina, por fim, lá no alto, o Céu abriu-se e ela desapareceu.

II—A GRANDE NOVA

ENTÃO, espalha-se por Portugal fora uma nova extraordinária e sublime — uma nova do Céu e da Terra — que, como luz e som, entra em toda a parte, nos paços, nos solares, nas casas, nos colmatos, entumece as almas de júbilo santo,



Uma miraculada: Natália, eleita entre os doentes pela graça da Virgem com uma cura repentina. Mais tarde, o médico que há longos anos a vinha assistindo, acabou por se converter ao catolicismo perante tão emocionante manifestação divina.



De longe; dos mais remotos lugarejos da Serra da Estrela, pastores, como Lúcia fôra, vieram também. São homens habituados à desolação das neves que vêm ajoelhar humildemente no solo frio do Santuário.

aquece os corações devotos, enche de lágrimas alegres os olhos crentes: num sítio chamado Fátima, que ninguém conhece, lá para as bandas de Leiria e Tomar, passada a Batalha, a quem vai do norte, no alto de uma serra agreste e na parte mais feia dela, Nossa Senhora apareceu a três pastorinhos inocentes!

A notícia, que já vem nas gazetas, anda de boca em boca, nas cidades, nas vilas, nas aldeias, nos lugares. Espalham-na os motoristas das camionetas, os cocheiros, os carroceiros, pelas estradas; os almoceves, os arreeiros, os recoveiros, de longada, por caminhos de serra, de monte, por ínvios carreirinhos de pé posto. E nas casas vizinhas, de janela para janela; nas soleiras das entradas; nas lareiras diante do lume; nas coloridas romarias de gáudio estouvado; nas feiras poeirentas; nos mercados, nas vendas, nas tendas; nas presas onde as mulheres lavam a cantar; nas eiras ao sol; nos adros à hora da missa; nas cumiadas às portinhas dos moinhos de vento; nas azenhas cobertas de farinha; nos descampados, nas serras, nos casinhotos de colmo; nos navios sobre o mar; nos barcos sobre o rio; — o caso miraculoso, o caso formoso, é dito e redito, comentado com pasmo e, enternecidamente, rezado com piedade:

— ¡Que me diz, vossemecê, Sr.^a Maria, àquilo de haver Nossa Senhora aparecido a uma rapariguita do povo, da nossa igualha?!

— Digo-lhe que ¡louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, que tudo pode e manda!

E o instinto religioso das multidões alvoraça-se, e, em especial, o culto português à Virgem Santíssima, culto que vem do princípio da nacionalidade, ilumina-se com fulgor novo, firma-se na confiança nova da real presença de Nossa Senhora na terra, no ar, na luz de Portugal, onde vibra agora um timbre de privilégio: a sua provadíssima estima por este povo.

¡Virgem Santíssima!



Lúcia, que se vê ao centro na companhia duma irmã, numa das suas visitas ao local onde se deu a primeira aparição. Professou e vive hoje em permanente recolhimento e devoção à Virgem, que jamais a abandonou.



Eram assim os três pastorinhos no tempo em que a Virgem lhes apareceu: Jacinta, de sete anos de idade, e o irmão, Francisco, mais velho do que ela dois anos, ao lado de sua prima Lúcia, a única vidente que ainda vive.



Depois do milagre, Jacinta, a mais nova das videntes, foi arrancada à força à multidão que a cercava e que procurava tirar-lhe pequeninos pedaços das vestes, ou simplesmente tocá-la — qualquer recordação de fé que lhe ficasse da inocente miraculada.



Os pais de Jacinta — o sr. Marto e a sr.^a Olímpia — assistindo à missa de corpo presente por ocasião da cerimónia da transladação dos restos mortais da sua filha, do lugar de Fátima para o túmulo da Basilica.

*
* *

¡Há oito séculos que os portugueses a vêm invocando sob mil nomes diversos, consoante os diversos desejos de a terem por guia nos caminhos da vida, e, mulher bendita e mãe muito amada, de a verem junto de si, de a sentirem no coração nas suas horas alegres, nas suas horas aflitas. Seus espíritos voam para Ela e invocam-na nos seus mistérios mais profundos e mais lindos: Nossa Senhora da «Anunciação», da «Encarnação», da «Conceição», da «Purificação», da «Assunção»; chamam-lhe tudo quanto a sua alegria, o seu entusiasmo, o seu amor lhe podem chamar: Senhora da «Glória», da «Luz», da «Graça», dos «Anjos», dos «Prazeres», do «Lar», de «Todo o Bem», das «Maravilhas», dos «Milagres», dos «Impossíveis».

*
* *

E se todos a louvavam, assim, olhando-a no Céu, todos num sonho feito daquele anseio ideal que é suspiro sem alcance, anelavam por vê-la, um dia, na terra portuguesa. Queriam-na. Corações ao Infinito, já seus olhos, seus braços se erguiam para essa visão distante, de que era imagem e símbolo a Senhora da «Aparecida».

Mas, após séculos de tais ansiedades, de tais suspiros, aquela visão distante torna-se em realidade próxima: a Virgem desceu à Terra, a Virgem veio ter com os portugueses!

Ei-la!

¡Aí está Ela, toda Ela, numa esfera luminosa de bri-

lhante oiro em pó! Seus pés de rosa pousam em rústica azinheira, no alto de uma serra árida, e seus lábios divinos movem-se para falar com inocente pastora. É formosa e meiga; doce e triste. Sobre a sua figurinha de adolescente cai tanta luz branca que as suas vestes ficam caiadas, e sobre a cal brilha tanto sol que seus vestidos cintilam. Radiante e do Céu, embeleza-a ténue mágoa da Terra: — a eloquência terna dos corações humanos que têm sofrido.

Apareceu no seu próprio mês — o Maio florido, o Maio fecundo das sementeiras em terras amanhadas e lavradas. Apareceu na hora forte do meio-dia, hora objectiva que anima o solo; hora subjectiva — ¡hora de milagre! — que transporta as almas.

Maria!

Aí a tendes, em carne e espírito, a verdadeira Nossa Senhora, Rainha do Céu, da Terra e de Portugal. O seu trono é a serra de Aire; a sua igreja, Fátima; o seu altar a Cova da Iria; a sua pedra de Ara, uma verde e humilde carrasqueira de monte.

Em plena Extremadura, no centro da terra portuguesa, vê Portugal inteiro num relance circular dos seus olhos amorosos; e se, agradada, os abaixa e os torna, próximos, à sua volta, logo eles pousam em memórias de façanhas, que sendo nossas também são suas, pois divinamente colaborou nelas; em grandezas monásticas que igualmente lhe pertencem por as haver apadrinhado. A Batalha — voto mariano de Aljubarrota; Tomar — igreja e castelo de Templários; Ourém — solar daquele místico e audaz guerreiro português, que pôs a imagem da Virgem no balsão da sua Ala — Céu e Pátria!; Alcobça, que lhe foi votada, — claustro do Saber e da Beleza, aí onde pedras líricas, lavradas com engenho religioso e amo-



↑
Imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se venera em Roma, na capela de Santo António dos Portugueses, obra do mestre Leopoldo de Almeida.

→
Nesta campa foram sepultados os dois irmãos Jacinta e Francisco, que morreram poucos anos depois das aparições.

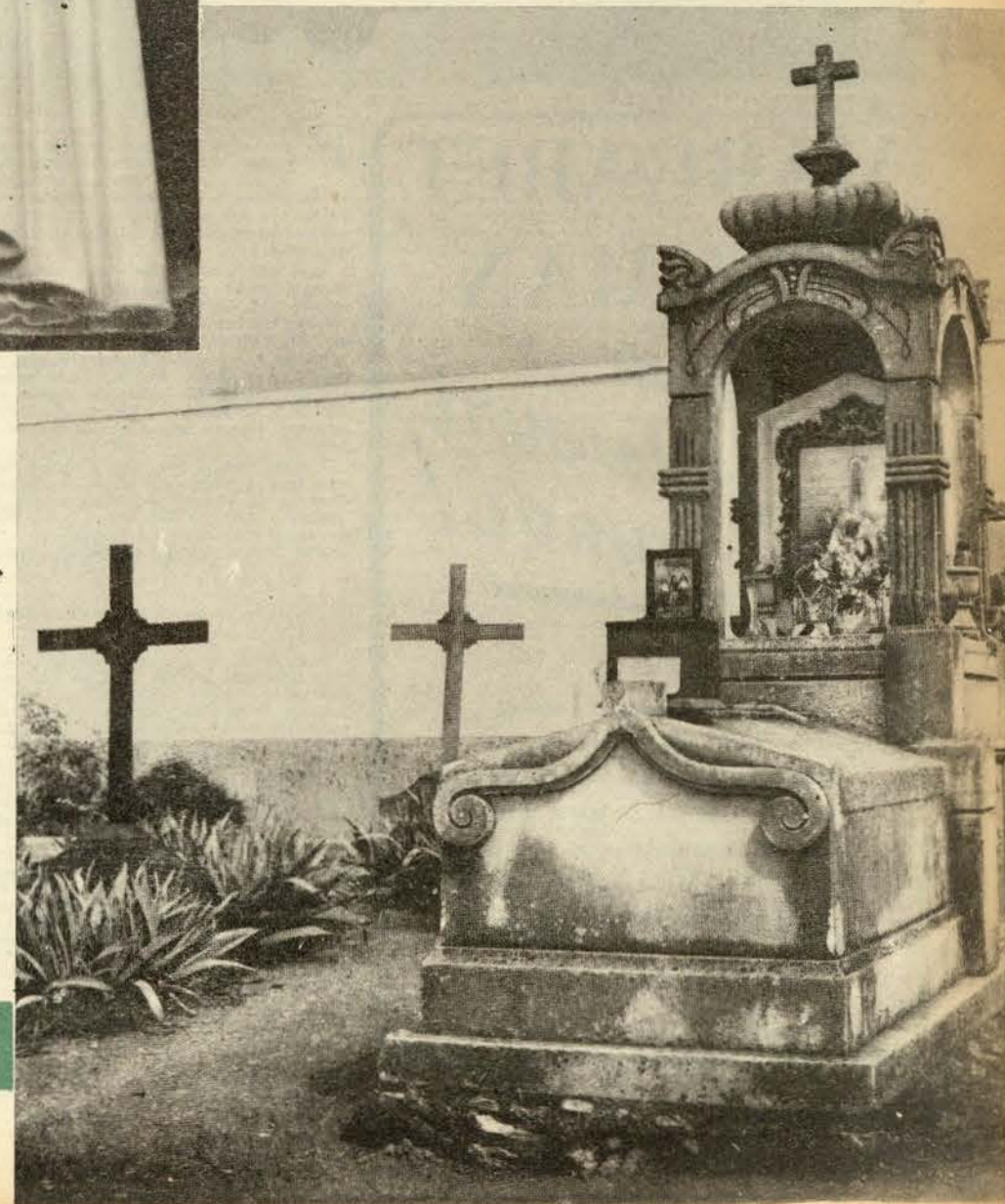
roso, guardam, «até a fim do mundo», as cinzas de um incêndio, paixão como jamais desvairou e queimou dois corações humanos!

¡Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Portugal!

ANTERO DE FIGUEIREDO
(Transcrito do seu magnífico livro «Fátima»)



Nesta urna seguiram os ossos da vidente, aos ombros dos sacerdotes, que a conduziram à Basilica. A direita, e em primeiro plano, segura-a o cônego Dr. Galamba de Oliveira, que foi biógrafo da pequena Jacinta.



FÁTIMA UM VERDADEIRO HINO DE PAZ PARA O MUNDO

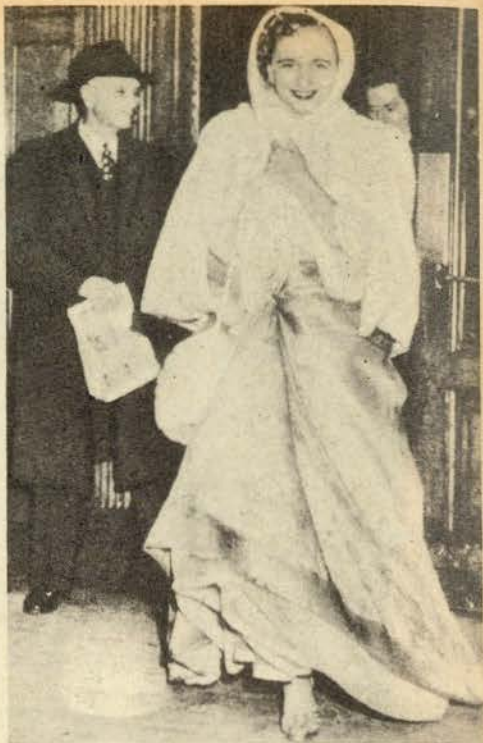
A filha do Presidente dos Estados Unidos não conhece Paris. Em alguns dias de estadia na capital francesa, porém, ela saboreou todos os encantos que Paris oferece aos visitantes. Aqui vêmo-la saindo do «Maxim's», onde declarou que gostaria de ser tratada como uma turista qualquer.

Margaret Truman, tal como a podem ver os seus admiradores à saída de um recital. O senhor que está na fotografia é o detective encarregado de velar pela segurança pessoal da filha do Presidente.

Margaret Truman, fotografada com sua mãe na Casa Branca. Todas as manhãs, «Marg» levanta-se às oito da manhã para estudar canto. Sua mãe assiste aos seus ensaios.

Margaret adora a dança; e as vedetas de cinema (neste caso Robert Taylor), têm muito prazer em serem seus «partenúres».

Durante a sua estadia em Inglaterra, Margaret visitou, acompanhada pelo director da Fundação Shakespeare, a casa que pertenceu ao maior dos dramaturgos ingleses.



MARGARET TRUMAN

A jovem do Missouri sem amor!

GUERRA DO ALECRIM E DA MANGERONA ENTRE PAPÁ HARRY E UM CRÍTICO POUCO AMÁVEL — OS JOVENS TORNAM-SE IMPOSSÍVEIS QUANDO DESCOBREM QUE ELA É FILHA DO PRESIDENTE — POR ENQUANTO NÃO PENSA EM CASAR!

PARA as suas duas avós, para os seus tios e tias, e, sobretudo, para os seus pais, Margaret Truman foi sempre uma menina terrivelmente «gátée». Mas isso torna-se compreensível ao sabermos que ela nasceu quando o «Papá Harry» e a «Mamá Bess» já tinham ultrapassado os 40 anos, e que Margaret foi sempre uma menina de saúde delicada. Talvez por isso mesmo, há pouco tempo seu pai deixou-se arrastar para um movimento de humor que impressionou mais a América do que a guerra da Coreia.

O episódio é conhecido: o crítico musical de um dos maiores jornais dos Estados Unidos, escreveu que a filha do primeiro magistrado americano cantara fora do tom a maior parte do tempo, e que o seu recital de Washington fora apenas «a caricatura do que uma dezena de outros artistas teria feito da mesma música».

Picado ao vivo no seu amor paternal, Truman, em papel timbrado da Casa Branca, enviou ao crítico uma carta fulgurante, na qual lhe dizia que ele se exprimia «como um velhote azedado», como um homem que deve ter «oito úlceras e mais quatro». Terminava por dizer que, se porventura encontrasse o crítico no seu caminho, o forçaria a adquirir um nariz novo.

Perante missiva tão rude, o crítico limitou-se a declarar: — «A única coisa que me aborrece é que o Presidente me chama velhote quando eu tenho apenas 34 anos, e sou pai de uma filha de oito semanas». No que respeita a Margaret, esta recusou-se a fazer qualquer comentário. É que, uns meses antes, ela havia declarado: — «O papá e eu desprezamos completamente toda e qualquer espécie de críticas».

OS NOIVADOS DE «MARG»

A existência da «primeira rapariga dos Estados Unidos» não é tão fácil e dourada como se imaginará. As suas mais insignificantes palavras e os seus menores gestos servem de tema para comentários sob os quais transparecem as paixões políticas. Polícias encarregados de velar pela sua segurança, seguem-na para toda a parte. De tempos a tempos, ela consegue iludir o zelo dos seus vigilantes, mas o seu incógnito não dura muito tempo, e Margaret volta ao seu plano de «pessoa diferente das outras».

— Os jovens mais agradáveis — diz ela às suas amigas — logo que adivinham a minha identidade, adoptam «poses» ridículas e não têm coragem para me pedir o número do telefone. Estão convencidos de que os agentes do F.B.I. lhes tomariam imediatamente as impressões digitais.

Num país dominado pela febre da estatística, não podia passar despercebido que, entre as suas relações, Margaret conta mais republicanos (adversários políticos de seu pai), do que democratas. Verificou-se também que os jovens que normalmente saem com ela, oscilam entre os 30 e os 40 anos, e são, na sua maioria, oficiais, médicos, advogados ou industriais que bebem e dançam bem. Cada um desses cavalheiros, antes de obter autorização para acompanhar Margaret, deve, primeiramente, ser apresentado a «Mis», Bess Truman, o que, «vis-à-vis» do público, o transforma automaticamente em noivo.

Foi assim que Margaret — «Marg» para os seus íntimos — esteve já noiva uma boa dezena de vezes, nomeadamente com o milionário Frank Hardy e com os advogados Marvin Colas e Marvin Braverman. Este último pareceu, durante algum tempo, o mais qualificado para conquistar a mão



daquela a quem os românticos da imprensa americana chamam «a jovem do Missouri sem amor».

— *Gosto muito de si* — disse ele um dia ao presidente — *e gosto também muito da sua esposa, mas gosto ainda mais de Margaret...*

Tais propósitos obrigaram esta última a repetir um rito que copiou do pai: uma vez mais, ela convocou uma conferência de imprensa e desmentiu os rumores que corriam sobre o seu próximo casamento.

— *No dia em que eu tiver um idílio, vós o sabereis oficialmente, pois o meu noivo terá de pedir a minha mão ao papá.*

A SUA GRANDE PAIXÃO: AS MELODIAS TERNAS

Margaret Truman não é, portanto, uma «mulher sem coração», ou «uma mulher sem homem», como pretendem alguns «colunistas» da imprensa americana. É rapariga sensível, plena de gentileza. Adora as melodias ternas, algumas das quais fazem subir as lágrimas aos olhos de seu pai.

Mas, acima de tudo, o que «Marg» deseja é triunfar na carreira que escolheu, impor-se antes de mais nada como cantora. De resto, não se pode dizer que ela não conseguiu o seu intento, a avaliar por um contrato de exclusividade que assinou há pouco para a rádio e para a televisão, e que lhe garante um salário superior ao de seu pai.

A origem desta paixão pelo *bel canto* remonta à sua mais tenra infância. Ela tinha apenas 11 anos de idade — era seu pai então um simples juiz de província — quando um dia, no automóvel de uns amigos da família, começou a trair uma melodia. A senhora de Thomas J. Strickler, antiga cantora, encontrava-se, por casualidade, na viatura.

— *Tens muitas possibilidades vocais* — disse ela à menina. — *Vou encarregar-me de te fazer trabalhar essa vozinha encantadora.*

A senhora Strickler falou à senhora Truman, a qual, aliás, não se impressionou muito com a revelação, pois a filha já cantava nas reuniões familiares e fazia parte do *côro* paroquial.

A mãe de «Marg» aceitou com certo cepticismo a ideia das lições, a ver em que davam essas tais «possibilidades». E foi assim que, em 1943, Margaret subiu, pela primeira vez, ao palco da Ópera de Denver.

— *Uma «troupe» em trânsito* — conta ela modestamente — *ia representar a «Condessa Maritza». Tinha encontrado já 297 boémias para os coros, e só faltava mais uma. Essa «mais uma»... fui eu.*

Este começo anónimo teve continuação mais sensacional. O cartaz que anunciou o seu concerto em Nova-Iorque apresentava-a como «a jovem soprano americana «Miss» Margaret Truman». Os críticos, porém, não se mostravam muito ternos. «Miss Truman — dizia um — possui mais distinção pessoal do que distinção musical»; outro afirmou que a sua voz não era muito forte.

Dotada de inatacável tenacidade, «Marg» perseverou, ignorando os ecos faceiros que circulavam a seu respeito; e, finalmente, logrou

impor-se, não só da sua voz — que melhorara muito — como também do seu sentido da réplica e do seu espírito humorístico. Com efeito, as suas «saídas», embora choquem por vezes as velhas solteironas das ligas puritanas da América, dão a volta aos Estados-Unidos e valem-lhe a simpatia do grande público. Assim, por exemplo, durante uma das suas «conferências de imprensa», uma jornalista perguntou-lhe:

— *Que pensa da declaração de seu pai na qual ele confessa que legará a sua bengala com castão de ouro aos netos?*

— *Creio* — respondeu Margaret — *que meu pai deve lutar com falta de temas de conversação.*

Um dia, quando saboreava um chocolate gelado, a sua guloseima favorita (Margaret é muito gulosa), verificou com surpresa que o preço respectivo havia saltado de 10 para 20 cêntimos.

— *Isto começa a ficar impossível* — disse ela. — *Vou escrever ao papá para que ele faça qualquer coisa.*

Noutra ocasião declarou em público:

— *Eu sou a rapariga menos livre do grande Estado democrático a que preside o meu pai.*

Recusou-se a participar no jantar tradicional que se dá na Casa Branca no «Thanksgiving Day», perguntando:

— *Julgam que eu estou disposta a brincar «às princesas Isabel»?*

Na Casa Branca, quando há recepções, e para afligir os detectives encarregados de velar por jóias e pratos, entretêm-se a meter dissimuladamente um colar ou um anel no bolso de um convidado... E como a brincadeira acaba sempre bem, todos acham muita graça.

MARGARET E O SEU NARIZ ESPECTACULAR

Mesmo quando criança, Margaret (que nasceu em 17 de Fevereiro de 1924 em Independence, no Missouri), espantava a família e as visitas com as suas reflexões. Quando, no seu oitavo Natal, lhe ofereceram um imenso piano, murmurou:

— *Teria preferido um combóio eléctrico!*

De facto, era seu pai quem fazia questão do piano. E, ainda hoje, nada dá mais prazer a Truman do que interpretar trechos a quatro mãos com sua filha, a quem ele chamou sempre «Baby».

«Baby» é agora uma rapariga de cabelos louros e olhos quase verdes, muito mais bonita ao natural do que nas fotografias, o que fez com que um crítico musical, que a via pela primeira vez em pessoa, observasse:

— *Mas então... quem é que spousa para as fotografias que aparecem nos jornais?*

Ouve-se muitas vezes dizer que o seu nariz é um pouco grande. «Se ao menos ela fizesse qualquer coisa para o modificar!» — dizem algumas pessoas. Mas Margaret Truman é teimosa. Ela quer triunfar, sem o pai e com o nariz — unicamente graças à sua voz. E, quando lhe falam de amor, ela responde com um sorriso fino:

— *Por enquanto não penso nisso!*

INTERVALO

PEQUENO MAGAZINE MENSAL

OUTUBRO — ANO VI — N.º 106 ◆ DIRECTOR RUY GOMES / CHEFE DE REDACÇÃO ROBERTO CARLOS ◆ REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º

O homem é um ser que leva a vida à procura da mulher ideal e que entretanto acaba por casar.

Panfleto

QUALQUER coisa se infiltra dentro de nós, aos poucos, e nos foi tirando ou esbatendo, ou ainda amarfanhando, certas reacções que ainda há poucos anos se apoderavam de nós, e às quais não conseguíamos resistir. Viamos uma peça francamente má, e o público pateava, a crítica atacava, e essa força tornava-se poderosa, ao ponto de deitar abaixo a peça. Isto, que se passava para o teatro, passava-se também para a pintura, a literatura, a música, ou artística. A reacção produzia-se, estalava com fúria, e dava os seus resultados. Hoje tudo se passa em surdina. Todos têm, dir-se-ia, medo de dar a sua opinião sobre o que fôr. Claro que nem tudo se aceita, que dentro de alguns a reacção ainda se produz, mas a maioria, nem aceita nem repele: quase se conforma, como se não valesse a pena dizer o que se pensa. Esta aceitação preguiçosa, tornou-se quase geral. Ninguém ouve uma pateada num teatro, nem a crítica é violenta, nem a discussão ou polémica chega a tomar culto. As reacções abafam-se, os pedidos de benevolência chovem, os interesses intervem, e aos poucos, o silêncio faz-se. Mas o mais extraordinário, é que quase toda a gente se habituou já a esta maneira de ver as coisas, a não ter reacção, a não dizer o que pensa, a não tomar partido. E os dias vão correndo, o tempo vai passando, e todos nós vamos achando mais normal esta forma de ver, cada vez nos integrando mais nesta inércia que toma conta de tudo. E a porta está assim aberta a todos os imbecis, a todos os «arrivistes», a todos aqueles que contam já com essa inércia e sabem aproveitá-la, para nos saturarem os ouvidos, nos entupirem o espírito, ou nos cegarem de mau gosto. E dir-se-ia já não haver remédio capaz de curar esta doença que se está tornando geral. A não ser que tomemos aquele leme que li algures e que parece adequado a este caso: «Ser o favor de tudo que é contra e contra tudo o que é pró».

ROGÉRIO

VOAR NÃO É COISA NOVA

Este grupo de folgas com bigodes à pai tirano (fin de siècle), é, ao contrário do que se possa pensar, uma assembleia de cavalheiros moderníssimos cheios de espírito aventureiro. Na realidade representam uma cena evocativa da fundação do Aero-Clube Suíço, que para comemorar as Bodas de Ouro, fez uma reconstituição da cerimónia inaugural em 1900; as personagens maquilhadas e vestidas ao rigor da época, representaram e repetiram os discursos que há cinquenta anos foram proferidos pelos pioneiros do desporto aeronáutico da Suíça. Uma das personagens mais aplaudidas (a que está ao centro com lunetas), é na foto a que parece mais irreal e mais mal maquilhada. Mas trata-se do coronel Schaeck, por coincidência o único protagonista real da cena: o único fundador do clube ainda vivo.



O 1.º Rallye Automóvel Feminino

«A nossa mulher moderna tem agora mais uma esplêndida oportunidade de se evidenciar — foi o que a «EVA» pensou quando soube da notícia do 1.º «Rallye» feminino que «O Século» organizou de colaboração com o Automóvel Clube de Portugal.

Esperávamos nós, naturalmente, que aquele nível de educação e aquela independência que caracterizam a nossa sociedade feminina se pusesse à prova e não faltasse. Mas faltou. E o arrojo, e a concepção moderna de vida que por aí se apregoa ficou encolhida na concha comodista das conversas, dos gestos e das opiniões fáceis.

O «rallye» teve uma concorrência demasiado reduzida, que em muito pouco pode ilustrar o progresso da mentalidade feminina portuguesa. Mas se isto é desencorajador, há também que saber tirar conclusões positivas dos factos mais derrotistas. Este punhado de senhoras modernas fica assim mais em destaque como um exemplo flagrante a ser seguido. Foram elas que, dentro dum conceito verdadeiramente actual, vieram em defesa da mulher mo-

(Continua na pág. 43)



As concorrentes ao 1.º «Rallye» Feminino. Ao centro, a vencedora, Senhora D. Maria Amélia Cardoso Pessanha. Classificaram-se em segundo lugar a Senhora D. Maria da Paz de Orey, e em terceiro a Senhora D. Leonilde Alves. Na extremidade da foto, à esquerda, a Doutora D. Cesina Bermudes.

INTERVALO ENTREVISTA ROGÉRIO PAULO

NESTA revoada de gente nova que ultimamente entrou no nosso teatro, o caminho da ascensão fez-se pelos mais diversos processos a que não faltam, por vezes, certos pormenores pitorescos.

Uns, como Rui de Carvalho, Pisani Burnay e Maria Emília de Oliveira, por exemplo, seguiram a rotina oficial, empunhando o diploma do Conservatório; outros, abandonaram carreiras e profissões para se dedicarem à paixão secreta e imperecível do teatro. Assim aconteceu com Costa Ferreira, advogado que trocou a banca pelas incertezas dos bastidores, Fernando Gusmão, antigo empregado de escritório, hoje um dos jovens mais interessados do nosso teatro, e Carlos Wallenstein, o moço acreano que abandonou a Faculdade de Letras pela arte de dizer.

Rogério Paulo foi também dos que trocou um futuro burocraticamente sólido pela aventura incerta do teatro.

Foi Gino Saviotti, a quem, de resto, dedica grande admiração e amizade, que o orientou nos seus primeiros passos pelo palco. Do teatro experimental da Rua do Salitre, das interpretações de Pirandello, passou às tentativas de organização: surgiu assim a primeira

pedra para a criação dum teatro escolar representado pelos alunos da Faculdade de Medicina que, até há um ano, frequentara. Depois os grupos de amadores, e por fim...

...o Ginásio, onde me estreei como profissional.

— Com o Doutor Juiz, salvo erro. — Isso mesmo. A seguir interpretei também «A Casca de Laranjas», que foi traduzida para português pelo Dr. Francisco Rebelo.

Rogério Paulo está diante de nós como aquele ar concentrado que se lhe nota mal abordamos coisas de teatro. Fala dos seus companheiros de trabalho, de autores e de problemas profissionais, com um entusiasmo equilibrado a que não falta uma certa jovialidade. E quando abordamos o capítulo dos planos de futuro, a sombra de dúvida que nestas coisas de teatro envolve sempre a mais despreocupada conversa, afasta-a ele com um sorriso rápido e um brusco encolher de ombros:

— Os meus projectos? Bom... é sempre difícil fazer conjecturas. Por enquanto...

— Por enquanto? — pegamos-lhe.

— Estou às voltas com o meu novo papel no «João na Lua», com que o Trindade vai inaugurar a próxima temporada.

Abre, então, um exemplar do

Paris-Theatre e aponta para uma fotografia em que Jouvett contracena com Michel Simon.

— É esta figura que vou interpretar. O Michel Simon teve aqui uma das suas criações mais notáveis, e o seu Clo-Clo, a personagem que me coube, é francamente trabalhosa e difícil.

Rogério Paulo está agora de olhos postos na revista, muito atento.

— O que mais me preocupa — diz-nos sem levantar os olhos — é dar uma personagem que, de acordo com a peça, se justifique perante o nosso público e a nossa maneira de sentir. Não foi por acaso que o Clo-Clo, de Archard, teve que ser traduzido para Tété, na versão portuguesa.

Enrola a revista à pressa e dá-nos o braço. Estamos nos Restauradores junto do Palladium, local de reunião da gente do palco e de aspirantes ao cinema nacional.

Mas Rogério Paulo não entra, faz uma curva e enfia pela «bicha» do elevador da Glória. Falamos ainda de várias coisas e, de um momento para o outro, volta à carga:

— A peça necessita dum trabalho consciencioso para ser representada com o vigor e a graça de Archard. E quando se trata dum cartaz clássico do teatro moderno como o



«João na Lua», todo o cuidado é pouco.

Assim deixámos o Rogério Paulo, a caminho do Ginásio. Vai com o mesmo ar calmo e atento com que o costumamos ver por aí, e agora, mais do que nunca, nota-se-lhe no rosto uma funda preocupação. E no nosso teatro querer aceitar e preocupar-se já é alguma coisa que importa considerar e enaltecer.

EM Bonn, na Alemanha ocidental, existe a empresa comercial mais espantosa da actualidade. Nada mais, nada menos, do que uma agência de casamentos que apresenta esta particularidade notável: garantia certificada de felicidade conjugal durante um, dois ou mais anos!

Deste modo, assim como a leitora compra em Lisboa um relógio de boa marca e tem direito a um certificado da fábrica que lhe garante um bom funcionamento do aparelho, assim a D.K.K. (Das Knoepfeir Kronstz — O lar social) entrega um marido ou uma esposa de primeira categoria com todas as condições para promover uma vida feliz durante um determinado prazo.

O Dr. Julius Rietz, chefe e fundador da conceituada firma, expôs num banquete que deu recentemente aos jornalistas da «New Illustrierte», que a sua organização «passara dum simples tentativa comercial a uma empresa de profundo interesse científico, hoje em franco desenvolvimento e fundamentada nas mais rigorosas leis da psicologia aplicadas».



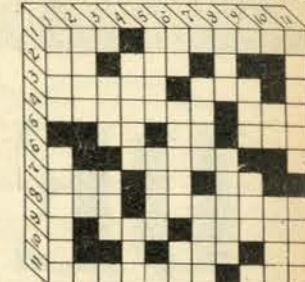
CASAMENTOS COM GARANTIA OFICIAL!

descobre o seu príncipe encantado em carne e osso, a falar-lhe do que ela gostaria que lhe falasse, a vestir da maneira que mais desejava, a concordar imperterivelmente com ela nas mais pequeninas coisas.

«Estudado tudo com o rigor científico que é norma da minha firma — declarou o Dr. Rietz — os fracassos são raros. Nunca por nunca ser, os meus colaboradores teriam consentido no casamento de Rita Hayworth com o príncipe Khan. Tal erro era flagrante, considerada que fosse a diversidade de tipos, somático e intelectual, dos dois

(Continua na pág. 43)

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS:

- 1) Baixo; cidade portuguesa.
- 2) Donaire; plantar.
- 3) Vila de Coimbra; há.
- 4) Famosa cidade de antiga Grécia, rival de Atenas; feridinha.
- 5) Carta de jogar; artigo (forma antiga); título dos chefes militares da Abissínia.
- 6) Vagas.
- 7) Abalada; dois; artigo (forma antiga).
- 8) Contraction de preposição e artigo (plural); dorso.
- 9) Você (forma antiga); terraços.
- 10) Velhaco; vogal (pl.).
- 11) Cerco; ansa.

VERTICAIS:

- 1) Verta; quotidiana.
- 2) Elos; pena.
- 3) Interjeição; ensejo.
- 4) Espaço de tempo determinado; imagina.
- 5) Pisar; cidade de França.
- 6) Passar; aborrecimento; notel.
- 7) Pequena peça de madeira que serve para imobilizar os ossos fracturados; peito.
- 8) Procede; entroncamento ferroviário.
- 9) Grande quantidade; casa.
- 10) Título do soberano da Pérsia; entregais.
- 11) Antigo título honorífico dos reis de Portugal; serra de Portugal.

Se quer andar sempre bem vestida e no rigor da moda, compre e veja

«L'ART ET LA MODE»

O MELHOR FIGURINO FRANCÊS

Distribuidores exclusivos:

Editorial Organizações, S. Lda. - Tel. 27507
Largo Inidade Coelho, 9, 2.º — LISBOA



— Não se exalte, madame, que lhe faremos um desconto apreciável na «permanente».

DE Londres

QUANDO, na altura, me punha a pensar sobre o casamento pseudo-feliz de Rita Hayworth com Orson Welles, vinha-me sempre à ideia esta mesma anedota:

«Depois de ter apresentado a peça «Man and Superman» (Homem e Super-homem), em que versava problemas de eugenia, defendendo a escolha racional duma companheira em vez dum amor meramente romântico, Shaw recebeu uma carta da célebre Isadora Duncan a propor-lhe casamento:

— Mestre: o nosso filho seria, por força, um super-homem, pois herdaria a minha beleza e a sua inteligência.

Shaw respondeu-lhe imediatamente:

— Minha senhora: e se a criança nascesse com a minha beleza e a sua inteligência?

Não faço a menor ideia de quais sejam as características hereditárias da pequena Rebecca, a garota de 6 anos, filha de Rita e de Orson Welles; sei apenas que Shaw era muito mais prudente do que eles na sua atitude perante os problemas de eugenia.

Logo após o início, este casamento, repartido na maior das felicidades, enveredou pelo caminho do êxito, segundo as possibilidades de cada um dos esposos, ou seja: Rita servindo-se antes do seu... *sex-appeal* e sangue frio do que duma beleza autêntica, Orson seguindo um rumo incomparavelmente mais difícil: a fúria da sua imaginação. Cada novo filme que nos apresenta traz o triunfo duma vigorosa personalidade, dum talento que não olha a obstáculos, duma vontade de ferro.

Depois do sucesso formidável de «O Terceiro Homem», prepara uma nova produção: «Othello». Shakespeare ocupa um lugar especial na vida de Orson Welles. Ainda criança já o representava no seu teatro de bonecos, depois no colégio, e mais tarde estreou a sua «Mercury Theatre Company», na Broadway, com «Julius Caesar», em guarda-roupa actualizado. A seguir, em 1936, produziu «Macbeth», representada na totalidade por actores negros e tendo o Haiti como cenário. A ambição de Welles é a de chegar a impor ao público a sua interpretação pessoal, a visão artística que tem do autor.

No cinema é ainda a mesma a sua atitude perante Shakespeare. «Macbeth», que foi realizado em 21 dias em Salt Lake City, com muito pouco dinheiro, tem um cunho nitidamente experimental. Os distribuidores cinematográficos hesitam em apresentar a película; é que ela é realmente audaz, demasiado original e individual, e não tem a marca da banalidade oficial de Hollywood. Mas os verdadeiros artistas entusiasmaram-se com o «Macbeth» de Welles. Jean Cocteau, o criador de «La Belle et La Bête», homem habituado ao mundo da fantasia, ficou apaixonado pela estranha beleza do filme.

Com «Othello» as responsabilidades de Welles agravaram-se ainda mais porque, enquanto os outros filmes eram unicamente representados por Welles mas dirigidos e

(Continua na pág. 48)



Orson Welles depois do êxito do seu filme «O Terceiro Homem», está terminando «Othello», obra que sempre ambicionou interpretar.

DE Biarritz

A «saison» de Biarritz está em plena flor. Ao contrário das hortências, que agora, coitadinhas, estão quase no fim.

Para quem quiser descansar, Biarritz nesta época não é nada indicado. Entre os milhares de carros, alguns como o P português, e os vários idiomas que se ouvem à nossa volta, parece que estamos numa nova Torre de Babel.

Tudo menos o tempo (os dias de sol podem-se contar), está animadíssimo.

Os galas, os concursos (desportivos e outros), as manifestações mundanas e artísticas não param. É uma série sem fim — até o mês de Outubro.

Os «diners des jeunes» das quartas-feiras no Casanova, continuam a ter o maior êxito. Entre os «be-bops» e os «sambas» trepidantes divertem-se com vários jogos, entre os quais o «jeu de la barre» e o «jogo das cadeiras», são os mais populares. Se não me engano, este último não é uma novidade. Trata-se do velho «musical chairs» inglês, que me encantava aos 10 anos!



Elsa Maxwell e o embaixador da Grã-Bretanha em «Sir» John («Jock») Balfour, que durante a guerra foi em Lisboa, no «gala Maxwell».

Num destes jantares apareceu o brasileiro Silva Ramos (célebre por ter sido, erradamente, suspeito da morte repentina da mulher), vestido com um «smoking» impecável, umas alpargatas de seda preta.

Apesar de serem uma especialidade do país basco (tal como a boina), assim de noite, e em seda, não deixaram de causar certa estupefacção.

Estamos nas vésperas do «clou» dos galas: o famoso «Bal Goya», que se realizará, em breve, no casino Bellevue. As costureiras estão trabalhando febrilmente para transformar, por uma noite, as elegantes de hoje, de cabelos curtos e meio nus, em autênticas «magas» ou em duquesas dignas do pincel deste mestre da pintura espanhola.

Esperam que a Infanta D. Beatriz — agora Princesa Torlónia — assim como as outras personalidades de destaque (Elsa Maxwell, Randolph Churchill, a Princesa Troubetskoi e muitos mais), virão todos a este baile, que, segundo os preparativos, será uma magnificência!

No meio artístico temos também em Biarritz muitos nomes conhecidos: o pequeno Roberto Benzi, Cécilia Sorel e Joséphine Baker — mais alegre do que nunca.

Edith Piaf, que devia cá vir — cantar e encantar os seus admiradores — não vem devido a um desastre de automóvel que a deixou com um braço e não sei quantas costelas partidas. Mas os mais importantes e os mais falados de todos os estivantes são, como é natural, os Duques de Windsor.

Não os conheço pessoalmente, só de vista, por isto devo resignar-me a contar os «on dit» cuja veracidade não garanto. Vivem na vila Temerland, situada num parque de 4 hectares, onde podem passear à vontade, longe dos olhos indiscretos. Mandaram, para pôr a casa em ordem, antes da sua chegada, 15 criados com 53 caixotes de pratos, de móveis, de roupas, de lampadários — tudo isto pesando 15 toneladas!

No último momento tiveram um trabalho para arranjar os 400 jarras para flores, pintados de verde, que, parece, eram indispensáveis — e também uma grande quantidade de cadeiras para as festas que tencionam dar.

O duque sai pouco. Joga um «round» de «golf» todos os dias, mas fez uma aparição no gala «azul Biarritz» (este famoso azul que ainda não vi, mas que parece ser o nosso velho amigo «bleu ciel», azul celeste).

A duquesa, em «azul Wallis», era a mais elegante de todas que lá estavam — e quando presidiu ao concurso de elegância na Chambre d'Amour, num «imprimé» branco e preto com um véuzinho atado sobre os cabelos, ia também muitíssimo «chic».

«On dit», que duas ou três vezes por semana vai a Elizabeth Arden tratar a cara e os cabelos, e que diariamente um cabeleireiro a vem pentear em casa.

Seja como for — o resultado é óptimo! Infelizmente, nem todas podemos fazer o mesmo... E que monótono seria se todas fossemos perfeitas!

O duque não é amante de «batota» — espera no «bar» com um «whisky» e um cigarro, enquanto a duquesa, de vez em quando, tenta a sua «chance». As suas «mises» não são exageradas — nunca ultrapassam de 60.000 francos.

Como o jogo está proibido em S. Sebastian, a afluência dos espa-



Os duques de Windsor dançando no «gala Maxwell». — De costas o embaixador Balfour.

nhóis é considerável. Aqui há de tudo, para perder o dinheiro ou ficar milionário, como aconteceu a certo espanhol, de nome desconhecido, que em duas noites ganhou 3 milhões.

Não persistiu. As algebeiras a trabordar, sem ter gasto vintém, regressou radiante, e a correr, ao seu comércio em Madrid.

Felizmente para os Casinos, que nem todos são tão espertos! Quando falta ao Duque de Windsor a pachorra para sair, a duquesa tem, como «cavalier servant», Jimmy Donahue, um americano novo, rico, alto e bem parecido, primo de Bárbara Hulton, que a acompanha em toda a parte.

Foi com ela a Ocaïn, uma aldeia idílica, perto de St. Jean-de-Luz, onde mora, numa casa e um jardim amorosos, uma senhora, M.^{me} Mater, minha conhecida, que faz uns cintos, sacos e alpargatas bordados, lindíssimos e duma perfeição de bom gosto. É uma verdadeira artista. Trabalha para Lanvin e muitas casas conhecidas — até para a nossa Bobone — e também para particulares em todos os países.

A duquesa encomendou várias coisas, ficando de lá voltar, e partiu, levando um par de alpargatas cinzentas, bordadas de madrepérola, que lhe foram oferecidas por Jimmy Donahue.

Vi umas semelhantes — bem bonitas, mas não tendo nem um «cavalier servant» nem a ocasião de as pôr — será com um «deshabillé» de «vamp» ou uns pijamas «raffinés» de veludo? — fui-me embora com as mãos vazias.

* * *

Agora já sei — nos dias de sol, onde o «Tout Biarritz» «chic», milionário ou titulado, passa uma parte do dia... É dentro ou em volta da piscina da Chambre d'Amour — a praia mais perigosa de Biarritz.

Que seja perigosa não tem importância. Só os pelintras (entrar na piscina custa 200 francos), ou os infelizes, no meu caso, que não sabendo nadar aproveitam o mar. Melhor, cem vezes, morrer afogada do que ter a vergonha de mostrar, num ambiente destes, que não conhece a natação... não digo como uma sereia, mas pelo menos no estilo duma rã!

(Continua na pág. 44)



*À Sinfonía assistia
Eva com um la Postig y
de Amélia*

Amélia cantando no Casanova — Biarritz (Foto dedicada à «Eva»)

Conselhos de Outubro

Se quer seguir as indicações dos astros, tome nota de que a Balança, signo deste mês, lhe aconselha, no capítulo físico, a verificar se os seus rins estão tão bons como supõe. No que respeita à sua vida pessoal, resista, apoiando-se na força que a Balança lhe transmite, a toda a resolução precipitada e a qualquer juízo superficial. Cuide de si e dos seus.

Para a sua *toilette* precisa, em primeiro lugar, de um casaco ou impermeável. Uma saia de lã, umas blusas, um par de sapatos, e já está para começo de estação.

Para a sua casa: é o momento de passar revista aos fatos e roupas de verão, mandando lavar e limpar tudo antes de guardar. Ponha talco nos objectos de boia, gordinha nas fechaduras das malas que vão ficar em descanso, prendendo as respectivas chaves a cada uma para evitar quebra-cabeças quando precisar delas. Faça uma pequena provisão de batatas se tem onde as meter. Cubra-as de palha para não ficarem verdes, o que sucederá se estiverem expostas à luz. Se tem fogões

— o ventre (circularmente, da direita para a esquerda);

— os braços (das mãos para os ombros). Esta fricção é uma verdadeira massagem, que activa a circulação, destrói as pequenas rugosidades que se formam na epiderme, e impede a aparição de celulite.

A noite — «Demaquillage» do rosto como de costume, massagem com creme gordo. Lembre-se que, na testa, este creme deve ser posto partindo das sobrancelhas para o nascer do cabelo; nas pálpebras, do nariz para as fontes e muito ao de leve; nas faces, do queixo para as fontes. Nunca se deve repetir a massagem num sentido oposto a aquele que se fez no movimento anterior.

TERÇA-FEIRA

De manhã — Ao acordar, diante da janela aberta, faça doze vezes o movimento seguinte de respiração: de pé, pernas juntas, abra largamente os braços. Encha o peito de ar e leve os braços à frente deixando-os depois cair. Expire completamente.

pomes, especialmente as solas dos pés e as articulações dos dedos grandes. Vai saindo assim a pele dura que ameaça transformar-se em calosidades.

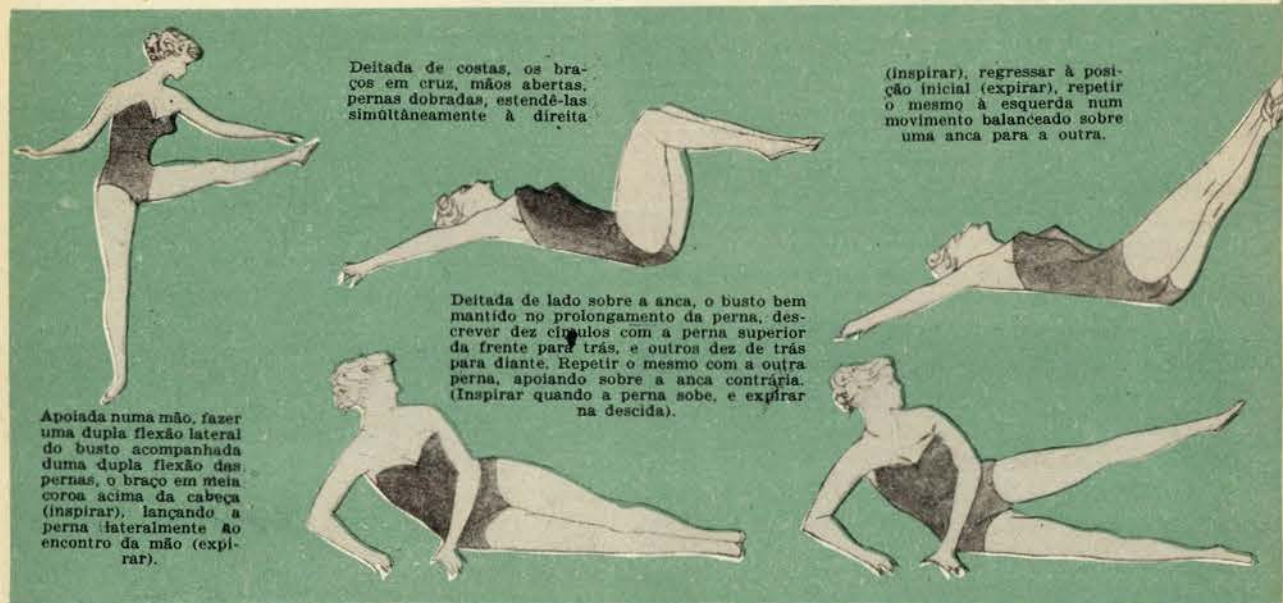
Trate as unhas como costuma fazer às das mãos: não corte muito as pontas e limpe-as, por dentro, com um algodão embebido em água oxigenada.

Anote — Cuidados e massagens do pescoço: O pescoço, depois da mesma limpeza que se fez ao rosto para tirar a «maquillage», é amaciado com lanolina e dão-se as massagens de cima para baixo, quer dizer: do queixo para o peito. Deixe o creme toda a noite.

QUINTA-FEIRA

De manhã — Diante da janela aberta faça o seguinte exercício respiratório: De pé, de braços caídos, levante lentamente os ombros, inspirando profundamente. Descaia os ombros, sempre lentamente, e expirando fundo (oito vezes).

De noite — Máscara do rosto. Os institutos de beleza indicam preparações



Deitada de costas, os braços em cruz, mãos abertas, pernas dobradas, estendê-las simultaneamente à direita

(Inspirar), regressar à posição inicial (expirar), repetir o mesmo à esquerda num movimento balanceado sobre uma anca para a outra.

Deitada de lado sobre a anca, o busto bem mantido no prolongamento da perna, descrever dez círculos com a perna superior da frente para trás, e outros dez de trás para diante. Repetir o mesmo com a outra perna, apoiando sobre a anca contrária. (Inspirar quando a perna sobe, e expirar na descida).

Apoiada numa mão, fazer uma dupla flexão lateral do busto acompanhada duma dupla flexão das pernas, o braço em meia coroa acima da cabeça (inspirar), lançando a perna lateralmente ao encontro da mão (expirar).

de sala ou «chauffage», é altura de se abastecer de carvão próprio, que vai faltar este ano. Passe em revista as roupas de casa. Refresque o arranjo da casa e faça limpeza completa a móveis, metais, pratos, etc. Arrume os seus armários, e não esqueça a limpeza da despensa. Faça compotas, se puder, e se gosta de flores tome nota de que é altura de pôr os bolbos na terra, para cultura em vasos.

Uma semana de beleza é indispensável nesta época. Tem de consagrar à sua beleza uma hora por dia. Mesmo que trabalhe, com método arranjará tempo. Se for preciso divida essa hora pela manhã e pela noite, e passada esta semana repita isto sempre que possa.

SEGUNDA-FEIRA

De manhã — De pé, na sua banheira, com uma escova dura e espuma de sabão esfregue energicamente:

— as pernas, de baixo para cima, insistindo particularmente nas coxas e nos joelhos (parte de dentro);

— as ancas (esfregue circularmente);

QUARTA-FEIRA

De manhã — Cuidados com os pés: Depois de ter esfregado bem os pés num banho de espuma de sabão bem quente e de os ter passado em água fria, ainda húmidos fricção com a pedra

diferentes para cada tipo de pele. Mas a nossa querida leitora pode fazer muito bem a sua própria máscara. Aqui tem duas receitas. A primeira, à base de legumes, muito económica e que convém às peles secas. A segunda para as peles gordas:

Máscara de cenouras — Rale num passador cenouras cruas e lavadas. Junte uma colher de café cheia de leite fresco e outra de azeite. Aplique esta mistura na sua cara já sem «maquillage». Conserve vinte minutos. Tire depois com água morna com um pouco de bicarbonato de sódio (peles gordas).

Máscara de ovo — Misture uma gema de ovo cru com uma colher de sopa de óleo canforado. Aplique e conserve meia hora. Tire com água morna.

SEXTA-FEIRA

De manhã — Cuidados com os olhos. Depilar as sobrancelhas. Compressas de água de rosas morna descongestionam os olhos. Se o seu rosto ainda estiver muito queimado, não tire muito as sobrancelhas, porque aparecerá uma linha branca bastante feia.

Escove as sobrancelhas contra o correr delas com uma escova de dentes velha, e depois alise-as com muito pouca brilhantina.

A noite — Cuidados com os cabelos: Se costuma ir ao cabeleireiro, vá no sábado e peça um banho de óleo antes da lavagem e da «mise». Escolha o seu penteado de inverno.

Mas pode também arranjá-los a si mesma. Se assim for, eis a receita:

O banho de óleo de ricino — Molhe um bocado de algodão em óleo de ricino e passe os cabelos, madeira por madeira, do nascer para a ponta. Envolve a cabeça com um pano grosso e bem apertado, e fique assim toda a noite.

SÁBADO

De manhã — Lavagem do cabelo para tirar o óleo de ricino em várias águas quentes. Na última deite uma colher de sopa de vinagre para 1 litro de água. Enrole o cabelo com ganchos, ponha um tulle humedecido em brilhantina e deixe secar.

Este sábado será o seu dia de desintoxicação. Lembremos o seguinte regime, que é padrão de desintoxicação:

7 horas — Um copo de água quente.

8 horas — Sumo de frutos e café sem leite.

10 horas — Duas laranjas e duas maçãs.

12 horas — Caldo de legumes (1 tigela), uma salada (temperada com azeite, limão e gema de ovo cru), queijo branco e um fruto.

16 horas — Meio quilo de uvas.

19 horas — Caldo de legumes (1 tigela), três cenouras cruas com sumo de limão e 1 fruto.

21 horas — Sumo de uvas.

E, passada esta semana, para adelgaçar as ancas, tonificar os músculos e retomar a boa forma, faça os exercícios que aqui lhe deixamos.

EXPERIMENTE ESTA: COMPOTA DE MELÃO

CORTAR em talhadãs o melão, limpar bem de pevides, tirar a casca, mas fina, para que fique a parte dura do melão. Cortar o miolo em pequenos dados. Pôr a macerar em açúcar cristalizado na proporção de 500 gramas de açúcar para 1 quilo de melão. Quando o açúcar estiver diluído, pôr em lume brando e deixar ferver até que o melão esteja tenro e transparente.













Se a calda estiver muito aguada nessa altura, o que sucede com melões que largam muito sumo, retirar o melão com uma espuma de leite para dentro dos frascos e deixar apurar a calda até ao ponto que se quiser. Pode aromatizar-se com um pouco de baunilha ou com casca e sumo de limão.

Esta mesma receita feita com amoras de silvas dá uma excelente compota para os primeiros almoços.



CONFORME O SIGNO EM QUE NASCESTE, ASSIM OUTUBRO TE DESTINARÁ...

LEMBRAMOS a todas as interessadas que os bons e maus influxos aqui indicados influenciarão cada qual segundo o seu próprio horóscopo (não sendo, este mesmo, fatal). «Os astros encaminham mas não constringem», diz o adágio.

<p>CARNEIRO 21 de Março 20 de Abril</p> 	<p>De 21 a 30 de Março: Uma intriga oferece perigo sentimental. Conhecem-se novos amigos. De 1 a 10 de Abril: Grandes facilidades no campo comercial; prosperidade nas pequenas indústrias. De 11 a 20: Felicidade vinda dum matrimónio difícil de conseguir. Dinheiro inesperado.</p>	<p>BALANÇA 22 de Setembro 22 de Outubro</p> 	<p>De 22 de Setembro a 1 de Outubro: Decepções amorosas que resultam em vantagem. Alguns segredos se descobrem. De 2 a 11 de Outubro: Marinheiros regressam ao lar e são esperados com ternura. Evita dispendir prodigamente. De 12 a 22: Perigo de traições amorosas.</p>
<p>TORO 21 de Abril 21 de Maio</p> 	<p>De 21 a 30 de Abril: Viagens prováveis. Algumas contrariedades familiares. De 1 a 10 de Maio: Perigo de discórdias devidas a ciúmes e despeitos entre noivos. Aproxima-se um momento culminante na vida. De 11 a 21: «Décan» adverso a viagens de negócio. Uma carta muda o ritmo sentimental.</p>	<p>ESCORPIÃO 23 de Outubro 21 de Novembro</p> 	<p>De 23 de Outubro a 1 de Novembro: Vitória oculta, mas importantíssima. Enfraquecem paixões excessivas. De 2 a 11: Protecção oculta mas valiosa. Grandes ambições tocam o seu alvo. De 12 a 21: Risco de divórcio. Regresso a hábitos há muito abandonados.</p>
<p>GÊMEOS 22 de Maio 21 de Junho</p> 	<p>De 22 a 31: Inimizades latentes abrem conflito. As naturezas impressionáveis correm certo risco. De 1 a 10 de Junho: Melhoria financeira. Resolvem-se problemas antigos. De 11 a 21: Hostilidades entre camaradas. Evite-se entrar em competições desportivas.</p>	<p>SAGITÁRIO 22 de Novembro 21 de Dezembro</p> 	<p>De 22 de Novembro a 1 de Dezembro: Estão de parabéns as modistas que façam contratos neste «décan». De 2 a 11: Alguns achados ajudam a carreira desde que o segredo não seja violado. De 12 a 21: Escreve o menos que te seja possível. Prudência e sigilo.</p>
<p>CÂNCER 22 de Junho 22 de Julho</p> 	<p>De 22 a 30 de Junho: Reatar-se-ão afeições desavindas. Probabilidade de achados valiosos. De 1 a 10 de Julho: «Décan» propício a iniciativas perigosas, de que pode resultar prejuízo. De 11 a 22: Um nato de Aquário será de grande utilidade comercial.</p>	<p>CAPRICÓRNO 22 de Dezembro 20 de Janeiro</p> 	<p>De 22 de Dezembro a 31: Viagens que não mais esquecerão. Encontros agradáveis e proveitosos. De 1 a 9 de Janeiro: Um animal doméstico evitará um prejuízo de monta. Possibilidades de interesse tornam-se em uniões do coração. De 10 a 20: «Décan» propício a trespasses comerciais.</p>
<p>LEÃO 23 de Julho 23 de Agosto</p> 	<p>De 23 de Julho a 1 de Agosto: Casamentos de nenhuma descendência, mas felizes e prósperos. Surpresas benéficas. De 2 a 11 de Agosto: Os artistas plásticos têm a sua melhor oportunidade do ano. Igualmente os agentes de publicidade em grande escala.</p>	<p>ÁQUÁRIO 21 de Janeiro 19 de Fevereiro</p> 	<p>De 21 de Janeiro a 30: Conseguem-se recebimentos julgados impossíveis. Desconfianças sem causa. De 31 de Janeiro a 9 de Fevereiro: Probabilidade de heranças que se não esperam. Casamentos de interesse tornam-se em uniões do coração. De 10 a 19: Não confies.</p>
<p>VIRGEM 23 de Agosto 23 de Setembro</p> 	<p>De 12 a 23: Muita prudência. De 23 de Agosto a 1 de Setembro: Escolha-se para recreio, a viagem por mar. Uniões longas, mesmo quando não trazem felicidade absoluta. De 2 a 11: Possibilidades ao jogo, com quantia diminuta. De 12 a 21: Probabilidade de se encontrar o melhor amor de toda a existência.</p>	<p>PEIXES 20 de Fevereiro 20 de Março</p> 	<p>De 20 a 28: Num jornal verás uma indicação preciosa. Alguém te proporá casamento. De 1 a 10 de Março: Se és musicista, ou cantora, aproveita bem este «décan». De 10 a 20: Espera-te uma vantagem financeira.</p>

A FAMÍLIA

A FAMÍLIA A FA

A FAMÍLIA A FAMÍLIA A FAMÍLIA A FAMÍLIA A FAMÍLIA

AO SERÃO

O ORÁCULO DOS ALFINETES

ALFINETES, pois então! E se a leitora duvida, tente fazer a experiência e verá como com estes insignificantes e prestimosos utensílios se podem consultar às mil maravilhas os oráculos.

O sistema, semelhante ao das borras de café, das gotas de lacre, ou do chumbo derretido, não é mais nem menos falível do que tantos outros. De resto, pretender nestas coisas a infalibilidade é tão paradoxal como admitir que o intérprete dos signos — um simples mortal — seja também infalível...

Fazemos esta observação porque é sempre conveniente saber-se em que medida devem ser tomadas as «decisões» dos oráculos, e não (longe de nós tal ideia!) com o intuito de desencorajar a leitora deste passatempo.

Ele aí vai:
Em primeiro lugar são precisos alfinetes — alfinetes maléveis, que possam ser dobrados com facilidade, em formas ao capricho da consulente, às quais dará significados ao seu critério.

Sem que seja de modo algum necessário observar os modelos aqui indicados, suponha por exemplo que o alfinete A é o seu símbolo, que o tipo B é o símbolo do seu marido; o C uma senhora das suas relações; o D um amigo íntimo da vossa casa; o E o seu sogro; e F o elemento perverso — a pessoa de quem desconfia ou de quem tem razões de queixa.

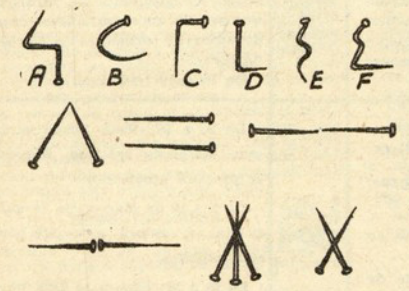
Para outras personagens de menor importância poderão ser utilizados mais alfinetes no seu estado primitivo, isto é, sem quaisquer torções.

Se se tratar de consultar os oráculos sobre uma questão de ordem geral o número de alfinetes varia entre onze e vinte e um. Para assuntos mais concretos, cinco ou sete alfinetes darão resultados mais perfectos.

Posto isto, vamos à operação propriamente dita:
Com as mãos ligeiramente em concha de modo a formar uma cavidade onde pôs previamente os alfinetes, sobre funda e lentamente pelo orifício que deve ter ficado entre os polegares cruzados. Depois, cerre mais ainda as mãos, de modo a que a cavidade por elas formada se torne mais hermética, tendo o cuidado de as não aplicar uma contra a outra.

Depois cerre ainda mais as mãos de maneira a que, sem diminuir o espaço livre que contém os alfinetes, não entre ar por entre os dedos. Finalmente, agite os alfinetes com gestos rápidos das mãos, sempre apertadas uma na outra, abra-as e deixe cair os alfinetes sobre o fundo dum prato. Pela disposição em que estes ficam, poderá então fazer a leitura do oráculo:
Dois alfinetes cruzados — significam protecção.

Uma estrela — Tenha calma! O êxito aproximase.
(Continua na pág. 49)



EIS-NOS novamente num ano escolar, no qual as crianças terão de dar o seu esforço ao estudo. Compete aos pais cuidadosos auxiliá-las proporcionando-lhes as melhores condições possíveis para que bem se desempenhem dos seus deveres.

Prestem atenção, primeiro que tudo, ao estado de saúde da criança. Sabemos que as escolas têm actualmente médico, inspecções sanitárias, etc., mas esses cuidados gerais visam especialmente o combate a doenças graves, como a tuberculose, ou as de carácter epidémico. Os cuidados privados, do médico assistente, não são, de nenhuma forma, dispensáveis. Uma vigilância inteligente é necessária, e nunca se deverá prescindir duma completa inspecção médica antes do regresso às aulas, mesmo que a criança não apresente sintoma nenhum de doença.

Sete vezes sobre oito, a criança que não dá boa conta de si nos estudos não é uma criança preguiçosa, mas sim uma criança que respira mal, vê mal, ouve mal, iorme mal, enfim, que não está em perfeito estado de saúde. Muitas vezes tem sucedido averiguar-se, ao fim de muitas reprimendas injustas, que uma criança inteligente que dava pouco rendimento de trabalho o fazia por deficiência não dela, mas do mau funcionamento de qualquer órgão que lhe criava uma inaptidão para o estudo. A vista e o ouvido, são muitas vezes, por negligência dos pais, causa do mau aproveitamento do estudante. Atenção, pois, à saúde, no começo do ano escolar.

CASA DE ESTUDO

Quantas vezes não sucede que pai ou mãe, porque estão cansados ou querem concentrar a atenção em qualquer trabalho, imponham silêncio aos filhos que brincam quando precisam brincar, deixando-os mais tarde estudar com um aparelho de telefonia fazer-lhes barulho aos ouvidos? Erro imperdoável, pois nem sequer se lembram, esses pais, que se precisavam de silêncio para eles próprios descansarem ou trabalharem, é muito mais natural que os pequenos cérebros das crianças deles necessitem também para estudar...

É sempre de aconselhar que as crianças não estudem numa sala comum em que serão constantemente perturbadas por conversas, ruídos, possíveis visitas dos pais, etc..

Mas se fôr absolutamente imprescindível que estudem numa sala comum, evitem a mesa grande a que se sentam todos, porque serão, com certeza, incomodados. Hoje, por um preço acessível, já se encontram secretárias que são de fácil e cómoda arru-

Cuide do seu cão

SE tem um cão, bem sabe como esse ser faz parte integrante dos seus afectos. É ele, não só uma companhia, mas uma personalidade distinta, um sub-indivíduo, que participa do seu dia-a-dia, das suas alegrias e de algumas das preocupações que lhe surgem.

Por isso, a saúde do seu cão lhe inspira às vezes tantos e justificáveis cuidados. E embora a leitora saiba como agir nos casos rotineiros de mal-estar das pessoas que consigo convivem — nevralgias, dores de cabeça, tosse, etc. — qualquer indisposição do seu cachorro deixá-la-á, dum modo geral, impotente e incapaz da menor providência.

Vamos tentar sossegá-la, esclarecê-la duma maneira concisa, ainda que pouco pormenorizada, sobre as perturbações que podem advir ao seu cão.

São três as formas sob que se apresentam comumente as doenças caninas: a gastro-intestinal, a pulmonar e a nervosa.

Podem surgir isoladas ou combinadas, mas as mais vulgares são as duas primeiras, que passamos a descrever.

FORMA GASTRO-INTESTINAL
Sucede, dum modo geral, à fase da amigdalite. Bem tratada, é uma doença benigna, mas,

seja como fôr, deve ser curada energeticamente e radicalmente. O tratamento a indicar neste caso é a dieta. Não é possível debelar-se uma gastro-enterite continuando a dar ao paciente qualquer alimentação, por mais ligeira que seja. É frequente verem-se em clínicas de cães, animais que, embora tendo já sido submetidos a um tratamento clássico, apresentam nitidos sintomas de gastro-enterites de 3 semanas ou mesmo de um mês.

Estes mesmos animais, sujeitos a dieta e ao mesmo tratamento, por certo não se manteriam mais do que cinco dias com esse mal. Assim que o doente tenha manifestações de diarréia ou vômitos deve-se submetê-lo a dieta e procurar debelar os vômitos obrigando-o a ingerir pequenas doses de água clorofornizada, de 2 em 2 horas (de uma colher de café a uma colher de sopa), e logo que o estômago e os intestinos estejam aptos a aceitá-lo, desinfectar e lavar os intestinos com as preparações clássicas, irrigações à base de sulfaguanidra, alumínio, carvão, fermentos lácteos, tanino, benzo-naftol e bismuto.

Duma maneira geral, o cachorro

A volta ao tudo

mação. Mas se não puderem estar com despesas, o pai habilidoso pode, com uma tábua colocada na parede, fazer uma mesa de estudo.

A LUZ PARA O TRABALHO

Este ponto é de capital importância. Não ponham a mesa de trabalho dos vossos filhos virada para a luz, porque dá uma ofuscação que prejudica a vista. A luz do sol, como a artificial, deve vir sempre da esquerda, para que a mão direita, ao escrever, não faça sombra no papel. Esta luz deve vir ainda um pouco por detrás dos livros e cadernos, e deve corresponder, em intensidade, a uma lâmpada de 50 velas colocada à distância de um metro. A melhor luz é a que ilumina unicamente o trabalho da criança sem lhe bater na cabeça.

A criança, até aos 15 anos, deve ler a uma distância entre 25 e 35 centímetros. Se este ponto não fôr respeitado pelo estudante, devem os pais levá-lo a um exame oftalmológico. Este exame deve ser feito de dois em dois anos, durante a idade escolar.

O SONO

Não é a qualidade do sono da criança que está em causa, porque essa é quase sempre boa. É a quantidade. Quantas crianças não dormem o suficiente porque têm de acabar, às vezes tarde, os trabalhos, que foram marcados na escola. Toda a criança com menos de 12 anos tem que estar deitada às 9 horas; com menos de 15, às 10, para poder ter, pelo menos, nove ou dez horas de sono.



Cartas à Margarida

Teresa morreu aos 25 anos. João, que era mais velho do que ela um ano, está noivo. A vida continua...

Querida Margarida:
Como estás, minha querida?!
Tenho a alma despedaçada por não ter podido ficar junto de ti mais algum tempo.
A Teresa morreu, Margarida?
Não, a Teresa vive. Vive agora plenamente, como aqui não podia viver.
Vejo ainda, e constantemente, aqueles olhos enormes pregados em mim, depois da primeira hemoptise. Foi aqui, nesta sala, precisamente donde agora te escrevo. Pareciam sonhar, pareciam ver o que mais ninguém via, pareciam flutuar. Não era a mim que ela olhava. Parecia que nada que fosse real existia para ela, e eu, estava ali, bem real, com uma angústia bem deste mundo

Oigo ainda aquela voz, que não sei donde vinha, que me soava nova e nunca ouvida, murmurar docemente, sonambulamente, estranhamente.
— Lá... talvez... com certeza!

Palavras sem sentido? Pelo contrário, revelação de toda a ansiedade que a dominava, de todo o desejo de além.
E durante este ano inteiro, em que todos nós sofremos torturas de alma, ela sorria sempre, e não era só para nós que sorria, era à sua visão, aquela visão doce que só ela via, aquela visão extraordinária que ela nos dá através de todos os seus últimos poemas.

É a expressão com que partiu não era a expressão de morte, mas de vida.
É duro para ti, Margarida; é duro para todos nós. Mas ela nunca foi tua nem de ninguém.
Depois da estadia em Paris, que aliás adorou, disse que ainda não foi lá que se tinha encontrado. E seria assim em toda a parte.

Partiu agora para se realizar, e continua entre nós como facho de luz estranha e bellissima, que não sabemos onde começou nem onde acaba.
Margarida, tu só podes receber parabéns por teres sido a mãe de Teresa. O seu nome há-de ficar porque a sua poesia é genial, e tu ficarás porque foi de ti que ela nasceu.

É a Aninhas? Como ela mudou! Não houve palavras, não houve atitudes, não houve represálias que a convencessem de que o caminho que seguia era errado, fútil, sem compensação de espécie nenhuma. E a doença da irmã bastou para a modificar tão completamente que dir-se-ia terem-na substituído por dentro. Que enfermeira ela foi! Agarrada à mão da Teresa, bebia-lhe o olhar, as frases, tudo que viesse dela.
(Continua na pág. 50)

O AMOR FORÇA MISTERIOSA

O amor é uma força misteriosa. Parece, à primeira vista, um sentimento exclusivo às relações entre o homem e a mulher, mas é também ele que conduz a toda e qualquer forma do conhecimento, à compreensão e à adesão com todos os seres e com todas as coisas. A beleza só pelo amor se pode conceber e realizar, a natureza e as ciências necessitam de dedicação férvorosa, de amor, para que se possa penetrar nos seus domínios. Todas as obras consagradas exigiram amor de quem as executou. É preciso amar apaixonadamente um tema para poder escrever-se um livro, um quadro antes de o pintar, a descoberta ou a invenção antes de a conseguir realizar, amar o fruto ao lançar a semente donde provirá, a Deus antes mesmo de o conhecer.

(Continua na pag. 50)
CONSTANCIO C. VIRGIL



1) Os casacos de peles, tal como os outros, têm de estar à moda. Este é de «gigueau des Indes» branco, de corpo cingido e saia larga.

Os primeiros Casacos



3) Simples e confortável casaco de viagem, fechado com grandes botões.



5) Este último é vago, de veludo de lã cor de abóbora, e está apresentado sobre um lindo vestido de veludo castanho. O casaco é «quimono», de rebuço virado.



2) Janotíssimo modelo amplo, de veludo «cotele» encarnado, preso na cintura por largo cinto preto de verniz.



4) Outro tipo de casaco de lã peluda bege muito claro, solto e de largura média, que não é abotoado. O de cima, de astrakan preto, que também pode ser nos tecidos deste ano, que imitam peles, é francamente elegante na sua absoluta simplicidade.



1) Fazenda e stricots, misturados, estão na ordem do dia como se vê neste vestido prático de lã cor de mel.

Nova directriz

2) As capas de todos os tamanhos, verdadeiras ou simuladas como neste casaco de lã preta, aparecem frequentemente.

3) Este vestido-casaco de fazenda tipo «angorá» cinzento escuro, tem a capa solta, pelo que pode ser usado com e sem ela, fazendo duas vistas. Ao lado está um fato típico desta estação: veludo preto no corpo com saia larga em três folhos de plissado «soleil».

4) Aqui temos outra linha característica deste inverno: a âncora, muito cintada, marcando muito as ancas e nitidamente travada na saia. O casaco é bonito, mas só o aconselhamos às magras. Em contraste, temos o vestido da direita, também na moda rigorosa, de linha ampla na saia e corpo justinho, bastante elegante. Os botões, como vêem, continuam o seu reinado.

VÃO SER ASSIM OS CHAPÉUS

1) SVEND lança este modelo, drapeado e alto, em «spanne» branca listrada de preto. Uma fita de cetim preto remata com uma laçada. MARIE CHRISTIANE, contrastando, dá-nos este outro de pele de «chevreau» branca, plissada, com debruns de veludo preto e rosa branca e preta, quase sem copa.

3) Aqui temos o novo tipo de «cloche» realizado por MARIE CHRISTIANE em veludo preto e guarnecido com uma grande pena preta e verde.

5) Outro modelo de SVEND, também em altura e drapeado, inclinado nitidamente sobre a esquerda, executado em «stoupé» branco e guarnecido com aplicação de pedrarias. ACHILLE, o novo chapeleiro que revolucionou Paris, é o autor deste modelo de melusine branco e veludo cõr de rubi, totalmente novo como forma, e que dará aos rostos um gracioso sabor de tempos idos.

6) EMMA PIERRON apresenta este bonito modelo para cerimônia totalmente confeccionado em lamé, a que um belo «paradis» dá majestade.



SVEND

MARIE CHRISTIANE

MARIE CHRISTIANE

SVEND

EMMA PIERRON

ACHILLE

FRANCOISE REY

2) ROSE VALOIS, sempre mestra, apresentou para a noite este toucado com uma meia-copa de veludo preto perfeitamente colada à cabeça, bordada a vidrilhos pretos e formosa fantasia de «sigrettes» negras.

4) Tem muita novidade esta forma de FRANCOISE REY em veludo cõr de ferrugem sem outro enfeite que não seja o rolinho do mesmo veludo, terminado num lacinho, atrás.

ROSE VALOIS

Yamino



1) Bibe de colegial parecido com todos, mas com outra categoria. Fica bem em riscado liso. O comprimento decide da sua elegância...

2

2) Confortável casaco de lã para rapazinho, que dará um «chic» especial ao pequeno estudante.



3

3) Também qualquer juvenil elegante se sentirá feliz com este bonito casaco de lã, bem asser-toado.

4

4) Esta camisa-blusa para o nosso homenzinho ficará muito bonita em qualquer lã, especialmente lisa, num tom que vá bem com os calções. O cinto dá-lhe uma nota distinta.

5



6

5) As duas irmãs estão muito catitas com as suas saias de corpo que vestem sobre duas camisololas de «tricots». A da mais velha é enfeitada com uma grega ou galão; a outra termina num folhinho. É simples, e não é igual a toda a gente. Combinar bem as cores.



7

6) Estes três, da classe infantil, estão felicíssimos nos seus fatos novos. A primeira tem um casaquinho com encaixe em redondo e capuz; o do meio um belo casaco fechado até acima, com capuz igual forrado de escocês; o outro, um bibe de riscado com espelho e golinha voltada, formando largos machos para baixo. Este bibe só será bonito na proporção em que está apresentado, deixando o calção à mostra. Doutra forma será banal e feio.

7) Noutra género, estará muito bem vestida a menina que levar esta saizinha plissada com a blusa de «voiles» de lã às pintas; claro, enquanto o frio não aperta...

8) Para as de 13 a 15 anos temos aqui uma «toilette» elegante e prática para a sua vida escolar. Corpo com mangas «raglan» apertadas no punho, e saia com macho a beijar, à frente e atrás.

9) Outro tipo de saia que toda a gente pode fazer: direita, com alças e um cóis larguinho. Todas ficam bonitas com estas saias e blusinhas diferentes.



A ABERTURA DAS AULAS



8

9

cuidado com os Poros Dilatados

Pode parecer mais jovem mas, infelizmente, também pode aparentar mais idade do que a que realmente tem. Geralmente isto depende do



aspecto dos poros da pele. Se eles são finos, a pele aparece lisa e macia; se estão dilatados, a pele apresenta-se mole, espessa, e por conseguinte dando-lhe um aspecto envelhecido. Felizmente para si, o Creme Tokalon pode transformar uma pele, mesmo fortemente murcha. Milhões de senhoras no mundo inteiro têm verificado por si mesmas que não somente o Creme Tokalon conserva na pele a frescura da juventude, como ainda lha dá. O Creme Tokalon branco, não gorduroso, torna a pele macia, clara e duma pureza espantosa... e tão fresca! Constitui também uma excelente base de «maquillage», principalmente para o novo pó de arroz Tokalon Fascination. Ao deitar aplique Creme Tokalon rosa, contendo Biocel—esse maravilhoso alimento para a pele—que faz desaparecer as rugas mais profundas. Ao acordar, a sua pele estará de novo firme macia e com uma frescura juvenil. Faça também a experiência do tratamento Tokalon para a pele. Já fez as suas provas, com sucesso seguro e certo.



Começo de vida

(Continuação da pág. 11)

Isso recordou-lhe certa rapariga que se debruçou em França a uma janela agitando uma bandeira a saudar as tropas americanas que cabavam de chegar. Na noite seguinte foi ele quem comandou uma divisão de bombardeiros que partiu duma base de França para a Alemanha...

— Não estás a ligar nenhuma ao que te digo, Tim — disse o pai, brandamente.

— Porque diz isso, pai? — murmurou ele a desculpar-se.

— Pareces distraído — tornou o pai — como se nada deste mundo te interessasse.

— Porque diz isso? — repetiu Tim, mais baixo ainda. Nunca lhe tinha passado pela cabeça que o pai fosse capaz de o compreender.

— Por mim desconfio que não sabes se deves voltar ou não para o teu antigo emprego, que não sabes sequer se deves casar com a Kit. Não sabes nem deixas de saber, aí tens. O teu problema é esse.

— É de facto isso, — murmurou Tim — mas como descobriu?

— O maior problema que a guerra põe num antigo combatente é esse. «Como adquirir de novo o sentido das realidades?». E é por isso que a guerra é uma coisa anormal, irreal.

— Horrivelmente real... — concordou Tim.

— A guerra faz-nos perder pouco a pouco o gosto da afeição. — O pai lançou-lhe um sorriso. — Quando vim de França, em 1918, nem queria casar com a tua mãe, vê tu.

— E como é que lhe disse isso? Sabe... eu também não fui ainda sapaz de falar à Kit...

— Bem — exclamou tranquilamente o pai. — Nem lhe deves dizer absolutamente nada. Se continuas a pensar em casar com ela não deves fazer uma coisa dessas.

— Mas o pior é que me parece que não quero casar...

Tim sentia-se estranhamente descoberto por dentro, nu, diante daquele cavaleiro de cabelo grisalho, um estranho que nem de longe lhe lembrava o pai.

— Oh, isso é unicamente derivado desse novo sentido de irrealidade que se adquire na guerra. Também me aconteceu tudo o que te está agora a suceder. E olha que foi preciso um grande esforço para me poder adaptar à nova vida. Estava unicamente habituado a receber ordens e tinha que passar a ter iniciativa, a começar a viver. Isso: começar a viver. Aqui tens o que deves fazer.

— Começar a viver? — perguntou Tim, angustiado.

— Exactamente, e começar desde o princípio. Começar a trabalhar, a amar.

Tim ficou um momento em silêncio, sentindo, sem olhar, a atenção do pai firmemente concentrada em si. Por fim levantou-se, e num tom brando mas seco, acrescentou:

— Creio que tem razão. Obrigado, pai.

E, já a sair do escritório, murmurava:

— Sim, tem razão, tem razão...

Cá fora estava um sol forte. Encheu o peito de ar, saltou para um eléctrico que ia a passar. Pouco depois batia à porta de Kit.

— Kit! — gritou do fundo das escadas. Ouviu lá em cima os passos dela a correr, e perguntou: — Estás só?

— Estou. A mãe saiu para uma reunião do clube.

— Chega cá abaixo, Kit.

Quando ela chegou ao vestíbulo, Tim reparou nas olheiras que lhe circundavam os olhos, levemente inflamadas.

— Estiveste a chorar, Kit?

Ela sacudiu a cabeça fortemente.

— Não. Estive a lavar os olhos por causa da poeira...

Mas Tim tinha a certeza de que ela estivera a chorar. Sabia-o perfeitamente, e o coração não sofria o mínimo com isso. Tinha visto tantas mulheres, tantas noivas e mães a chorarem junto dos entes queridos, que agora nada podia sentir. «Começar a viver de novo», tinha dito o pai, e tinha que interpretar isto como uma ordem de comando.

— Kit, acho que não devemos esperar mais. — Sentia os lábios secos e puxou-a com força contra ele. — Tenho andado tão estonteado desde que voltei que nem sequer te preguentei quando querias casar.

Sentiu-a então a chorar desesperadamente nos seus braços.

— Oh, Tim... eu julgava que já não me querias. Mas quando...?

— Hoje... amanhã...

— Para a semana já posso ter um vestido...

ENCERRAMENTO DO ANO SANTO PARA O ESTRANGEIRO

Durante o mês de Outubro próximo, estão à venda em todas as estações da C.P., bilhetes de ida e volta com as reduções de

30 % em 1.ª classe,

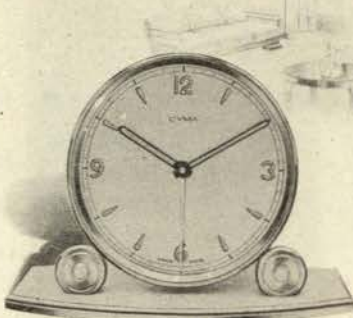
20 % em 2.ª e 3.ª classes

sobre os preços da Tarifa Geral para as estações de FATIMA (antiga Chão de Maças) ou LEIRIA, com validade, para regresso, até às 24 do dia 31 de Outubro.

Para esclarecimentos

Serviço de Tráfego da C. P. — Santa Apolónia — LISBOA — Telef. 3 3171

«despertador-pendulette é um lindo interior e complemento da sua beleza»



CYMA

«pendulette» suíça de precisão

8 Senhoras em cada 10
podem ser
mais bonitas
Faça por si mesma
GRATUITAMENTE
esta surpreendente
experiência



«Se as mulheres soubessem escolher exactamente o tom de pó de arroz que lhes convém, — afirmam os grandes especialistas de beleza, — 8 em cada 10 vezes, ficariam mais bonitas. — Poderá fazer esta experiência. Peça a

Tokalon para lhe mandar gratuitamente um saquinho de experiência do pó de arroz Tokalon Fascination que contém os 6 últimos tons da moda seleccionados aos cromoscópio, esse olho mágico que permite adaptar as cores a cada tipo de carnção. Receberá ao mesmo tempo todas as indicações necessárias para descobrir duma forma perfeita o tom que lhe convém, aquele que a fará parecer mais jovem, mais fresca, verdadeiramente mais bonita.

GRATIS: Para receber a título absolutamente gratuito um estojo de experiência contendo os últimos tons da moda que lhe permitirão escolher qual o tom de pó de arroz que lhe convém, escreva hoje mesmo a Jalber, Lda, Rua Gomes Freire, 96, Lisboa. Serviço 7-6.

Começo de vida

(Continuação da página anterior)

— Pronto. De hoje a uma semana vamos começar vida nova.

Tim puxou-a mais contra ele. Ficou de olhos cerrados, em silêncio. Mas enquanto estavam assim abraçados, enquanto estavam ali à espera sem saberem do quê, Tim sentiu qualquer coisa a tomar forma dentro de si. Seria de novo o coração?

(Adaptação de ANA BASTOS)

1.º Rallye Automóvel Feminino

(Continuação da pág. 26)

derna e abriam um novo caminho no desporto feminino.

Um caminho que não tardará a ser seguido, mas que pelos vistos parece ter em princípio atemorizado muitas senhoras que se julgavam modernas. Isto, não obstante as estradas serem de bom pavimento e haver sinalização de segurança em cada lugar mais perigoso...

CASAMENTOS COM GARANTIA OFICIAL!

(Continua na pág. 27)

indivíduos. Além disso, posso garantir que os nossos certificados só em excepcionalíssimos casos nos têm obrigado a indemnizar os clientes. Os dois ou três casos de divórcio que tivemos contra a previsão dos contratos atestam sobejamente a segurança dos nossos processos.

Mas — comenta o jornalista do «New Illustrations» — o caso mais espantoso da gloriosa empresa de casamentos, passou-se com um albino de Porto-Rico que veio à Europa para casar com uma austríaca. Dias depois de casados, a esposa começou a enfastiar-se de tão permanente concordância. A vida não lhe trazia surpresa alguma, e por isso dirigiu-se à agência a declarar o seu protesto e reclamando a indemnização, acompanhada do marido.

— Acha que poderia ser feliz se prosseguisse no seu matrimónio? — interrogou um funcionário.

— Não — ripostou ela prontamente. — Embora ainda e não sabemos, há já entre nós um profundo desacordo.

— O senhor? — tornou o funcionário, voltando-se desta vez para o marido. — Acha que há na realidade um desacordo latente?

O albino de Porto-Rico pensava maduramente no caso. A sua principal preocupação naquele momento era a de quebrar o mais depressa possível aquele compromisso matrimonial e receber a quantia do prémio.

— Sim — afirmou ele. — Há, de facto, entre nós um desacordo que não tardará a manifestar-se.

O funcionário solícito da D.K.K. bateu vitoriosamente no tempo da secretária e rematou com um sorriso:

— Então, tenho muita pena, mas ainda se encontram de acordo.

— Não por ter cão, preso por o não ter... — disse o albino ditado...

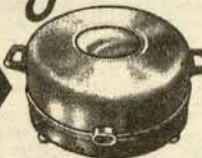
Modernize a sua COSINHA



COM O NOVO PEQUENO FORNO ELECTRICO

Gunda

PRÁTICO RÁPIDO E ECONÓMICO



A VENDA NAS BOAS LOJAS DE UTILIDADES REPRESENTANTES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA, R. FANQUEIROS, 250, 2.º E. TEL. 20353 E 32903 LISBOA



A BALANÇA PARA USO DOMÉSTICO QUE NÃO RECEIA CONFRONTO

Simples na manutenção para vários usos. Pesando até 11 Kg. - Caixa e prato de folha de aço. Linda apresentação - Preço acessível.

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

SOCIEDADE DO RIBATEJO, LDA.

PRACÇA DO MUNICIPIO, 13-2.º TEL. 2 6992 LISBOA

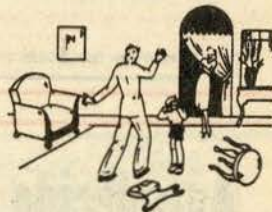
Aconselhe seu marido ...

A VIAJAR NA SAS ... e fique tranquila!

S. A. S. tem uma posição preeminente, graças à sua Perfeição Técnica. A companhia abrange hoje zonas que vão desde o Cabo Norte até Nairóbi e desde o Extremo Oriente até Chile, incluindo LISBOA como importante escala.

SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM
Av. da Liberdade, 150, Lisboa - Telef. 3122
Rua de Lourenço, 10 Paris - 1911
e suas agências.

A SUA VIDA SERÁ UM INFERNO SE NÃO CUIDAR DO SISTEMA NERVOSO



Não há nada pior para uma vida tranquila e feliz que o desequilíbrio nervoso. Quando este se arregia em nós, a desgraça abate-se progressivamente porque tudo quanto nos rodeia nos irrita os nervos e nos enfada; tornamo-nos incapazes de dar às coisas o seu valor exacto e as mais pequenas dificuldades parecem-nos barreiras intranquívias. A nossa intranquilidade não se limita a prejudicar a nossa vida profissional; manifesta-se no lar por dissabores contínuos, que não podemos atribuir senão à nossa própria irritabilidade.

Para podermos conseguir uma vida normal, temos que dominar os nervos, mas este domínio só é possível se lhes proporcionarmos os elementos nutritivos capazes de substituírem o desgaste que, em geral, o nosso trabalho e a vida moderna ocasionam.

Nas suas mãos está a possibilidade de garantir a alimentação suficiente dos seus nervos. Se notar que o seu carácter se altera, que perde o auto-domínio ou se se sentir nervoso, consulte o seu Médico e recorra confiadamente ao Fósforo Ferrero. Depois de um breve tratamento, com 4 a 6 comprimidos diários, tonificado o sistema nervoso, tornará a ser o homem compreensivo e ponderado de sempre e a sua anterior sensação de equilíbrio há-de levá-lo a comportar-se de maneira mais agradável e mais acertada na vida social.

Exija sempre o legítimo

Fósforo Ferrero

Rejeite as Imitações

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

QUANDO SORRI

Ele repara nos seus Labios

Torne-os mais lindos com **TANGEE**



O seu sorriso será ainda mais belo se os seus labios possuírem o sugestivo encanto de "efeito de pétalas" de Tangee. Graças à sua fórmula secreta e incomparável, Tangee é suave como um creme e mantém-se na s tempo.

Cores modernas, em novos estojos metálicos, dourados. "Ele" contempla os seus labios, portanto — use Tangee.

O BATON *Tangee*

Tamanhos de luxo e respectivas recargas.

PELA SUA QUALIDADE É E SERA SEMPRE O BATON PREFERIDO PELAS SENHORAS

AVISO AS LEITORAS ATENÇÃO

Conforme anunciámos no número de Setembro, a nossa revista, a partir deste número, passa a custar Esc. 7\$50, em lugar de Esc. 5\$00, como até aqui.

É a terceira vez, em mais de 25 anos de existência, que somos forçados a dirigir-nos às leitoras para comunicar-lhes uma alteração no preço desta revista. É-nos profundamente desagradável ter de o fazer, mas as circunstâncias não nos permitem mais adiamentos. Quisemos esperar; quisemos ver se a tremenda crise do papel se solucionava de forma a evitar um agravamento de preço, mas não há já esperanças de nenhuma melhoria se obter, antes pelo contrário: o preço continua a subir acompanhado de uma escassez afluiva que obriga as empresas a garantirem-se com pequenos ou grandes *stocks*, conforme as possibilidades de cada um, que mais vem agravar a situação pelo empate de capital que representa novos e pesados encargos.

São estas as razões, que bem contra a nossa vontade, nos obrigam a fixar o preço de venda em Esc. 7\$50. Esperamos que as leitoras nos compreendam e que estejam na disposição de fazer o pequeno sacrificio de mais 2\$50 por mês, para garantir a vida da «Eva», o único magazine feminino que existe em Portugal.

AOS ASSINANTES DA «EVA»

Avisamos as assinantes que os novos preços das assinaturas são os seguintes:

Assinatura por 6 números...	Esc. 45\$00
Assinatura por 12 números...	Esc. 90\$00
Assinatura por 12 números (Africa)	Esc. 120\$00
Assinatura por 12 números (Estrangeiro)	Esc. 140\$00

Estes preços só serão aplicados aos antigos assinantes, quando tiverem de proceder à renovação das suas assinaturas.

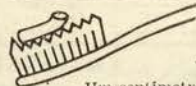
Agradecido a KOLYNOS



A espuma Kolykos penetra e

ESPUMA

limpa entre os dentes, chega aos recantos mais inacessíveis onde a cárie tão frequentemente começa.



Um centímetro na escova de dentes basta. Por isso é o Kolykos tão económico.



Os dentes dos seus filhos precisam de Kolykos para se conservarem saudáveis e fortes. Além disso, gostarão imenso do paladar a hortela-pimenta deste Creme.



Os ensaios feitos durante anos levaram à adopção de uma excelente fórmula especial do Creme Dentifrico Kolykos.

pela brancura dos meus dentes

Compre um tubo de creme dentifrico Kolykos ainda hoje. Preço 12\$50

CRÓNICA DE BIARRITZ

(Continuação da pág. 29)

No dia que lá estive, entrei só até aos tornezos, o mar estando num estado de fúria, a meter medo!

A hora elegante do banho na piscina é perto da 1 hora. Mais cedo seria possidónio a valer! A água é dum azul turquesa tão apetitoso que tive pena de não a provar.

Em volta da piscina há mesas com pára-sóis, um «bar» para os «drinks», e uma cozinha (escondida) para quem quiser almoçar — o que fizemos, às 3 da tarde! O meu «petit déjeuner» das 8 da manhã, estava tão longe, que antes de aparecer o «clube sandwich» dos meus sonhos, senti-me deveras com instintos de canibal!

Só depois de comer fui capaz de interessar-me pelas «cabanas». Chamam-se assim os nove grandes quartos seguidos, que se vêem com pórticos frente à piscina. São mobilados segundo o gosto de cada proprietário. Divãs, espelhos, mesas, «maples» confortáveis, colchões e almofadas.

Passar o dia ali deve ser uma delícia! Ninguém pode entrar em posse duma cabana sem o consentimento dos outros — quase todos milionários cosmopolitas.

No entanto, ficaram todos de acordo para ter os duques de Windsor por vizinhos, e a última cabana, a que está mais luxuosamente mobilada, até com arbustos na entrada, é agora deles.

Parece que o duque não gostou dos colchões, e «on dit» que ele próprio foi a uma loja escolher outros, mais fofos, deitando-se por cima para os provar.

Apesar disto, e de terem uma chave especial para poder entrar sem ser vistos, são raras as vezes que vão até à *Chambre d'Amour*.

O dia que lá fui, tive sorte. Não vi o duque, mas a duquesa, Jimmy Donahue e uma amiga. Estavam a almoçar — ou talvez tomando chá.

(Continua na pág. 47)



O DESODORANTE QUE SE APLICA EM 10 SEGUNDOS



A frescura pessoal é um sentimento necessário à mulher para confiar em si própria. É esta a razão porque dia a dia aumenta o número das que usam Sno-Mist. Sno-Mist é o desodorante ideal para aplicação diária em — apenas 10 segundos. Basta premir a borracha do engenhoso pulverizador para que um jacto de Sno-Mist se aplique onde for necessário. Uma só aplicação de Sno-Mist, feita pelo manhã, dura o dia inteiro e... não afecta os vestidos.

Sno-Mist

O PÓ DESODORANTE DE QUEM SE PREZ

PREÇO ESC. 17350 — NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

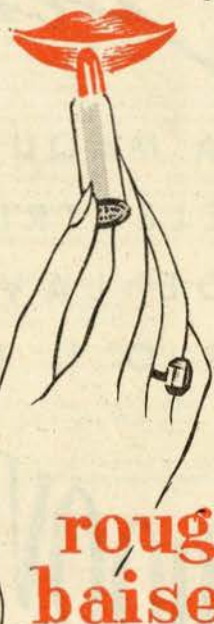
Le rouge baiser o unico baton que permite o beijo

O baton Rouge Baiser fabricado em PARIS por Paul Baudecroux é fantástico!

Pela primeira vez a Mulher Elegante passou a não ter que retocar a boca constantemente.

Ela pode agora comer, beber, fumar e beijar despreocupadamente.

Vinte minutos depois da sua aplicação a aderência do Rouge Baiser é total, e entre as suas 36 tonalidades V. Ex.^a encontrará sem dúvida, a que mais a favorece.



rouge baiser

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CONSORCIO GERAL DE PERFUMARIA, L.^{DA}
AVENIDA 5 DE OUTUBRO 117 R.C. — TELEFONE 7 3895 — LISBOA

FOTO VIEIRA

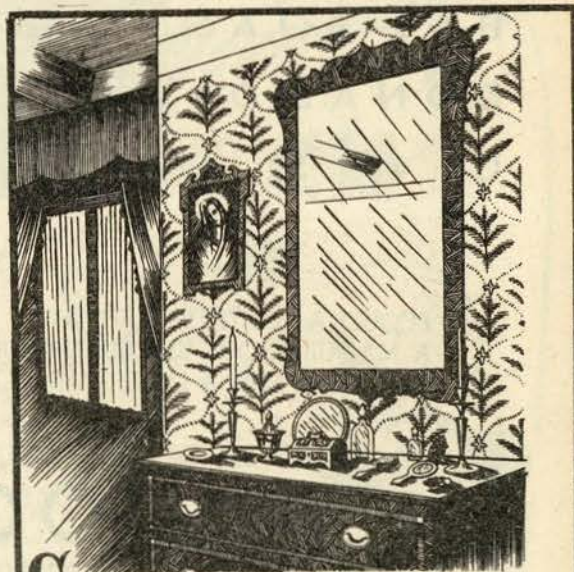
SANTA CATARINA, 275 — PORTO

Telef. 2 7611



ESPECIALIDADES EM:

COLORIDO ♦ AMPLIAÇÕES ♦ ESMALTES
♦ REPRODUÇÕES, ETC.



Quarnecka o seu toucador com
peças de prata. E mais distinto
e são valores que ficam.

VISITE ASOURIVESARIAS

Finalmente!

A MÁQUINA
ELÉCTRICA
DE LAVAR
ROUPA

"HOOVER"

ENLEVO
DAS BOAS
DONAS DE
CASA



PEQUENA PORTÁTIL E EFICAZ!

A MÁQUINA QUE EM 'QUATRO MINUTOS' LAVA CERCA DE 'DOIS QUILOS'
DE ROUPA SEM A DANIFICAR, PORQUE NÃO POSSUI PÁS!

Consumo reduzido, 300 W por hora!

A MÁQUINA DE LAVAR ROUPA HOOVER É MAIS UM PRODUTO

HOOVER

OS CRIADORES E FABRICANTES DO MELHOR ASPIRADOR DO MUNDO!

REPRESENTANTES:

LEACOCK (LISBOA), L.^{DA}

PORTO:
Rua José Falcão, 185
Telef. 21506

Avenida 24 de Julho, 16
LISBOA
Telef. 61127/8 - 66073/4

COIMBRA:
Av. Sá da Bandeira, 7
Telef. 3361

REGULAMENTO DO CONCURSO

EXTRACTO

(com omissão dos artigos 5, 6, 7, 8 e 12 do interesse exclusivo dos [otógrafos].)

- 1.º) A Sociedade de Produtos Lácteos, com sede em Lisboa, Rua Sociedade Farmacéutica, 39, promove um concurso entre as melhores fotografias de bebés alimentados com os produtos Nestlé indicados no artigo N.º 2.
- 2.º) Aos rótulos dos produtos Nestlé válidos para o concurso são conferidos valores em pontos, conforme a tabela seguinte:

Leite condensado Nestlé	lata de 397 grs.	1/2 ponto
Farinha láctea Nestlé	» » 250 »	1/2 »
Farinha sem leite Sinlac	» » 250 »	1/2 »
Leite em pó Nestogéno	» » 500 »	1 »
Leite em pó Nido	» » 500 »	1 »
Leite em pó Pelargon	» » 500 »	1 »
Babeurre em pó Eledon	» » 250 »	1 »
Acúcar nutritivo Nidex	» » 250 »	1 »
NESCAO	» » 250 »	1 »
- 3.º) 40 pontos, que podem ser constituídos indiferentemente por rótulos de um ou de vários dos produtos acima, conforme o seu respectivo valor em pontos (por exemplo 20 rótulos de Nestogéno, 10 de Nido e 20 de Farinha) dão direito a uma fotografia gratuita do bebé alimentado com produtos Nestlé. Esta fotografia será executada por um dos melhores [otógrafos locais ou, não havendo, da localidade mais próxima.
- 4.º) Contra o envio à Sociedade de Produtos Lácteos, Lisboa, Porto ou Coimbra da quantidade de rótulos (rótulos exterior-

res das latas, inteiros e em bom estado) necessária para fazer 40 pontos, as mães receberão uma credencial para o [otógrafo. Este executará o retrato do bebé e entregará gratuitamente duas cópias à mãe. O [otógrafo devolverá à Sociedade de Produtos Lácteos, Lisboa a credencial, acompanhada duma terceira cópia do retrato, destinada ao concurso Foto-Nestlé. As fotografias terão o formato mínimo de 9x12 cm.

- 9.º) Uns dias antes do Natal, a Sociedade de Produtos Lácteos procederá na sua sede e da maneira que julgar mais oportuna a um concurso entre as melhores fotografias recebidas durante o ano. A Sociedade de Produtos Lácteos nomeará uma comissão cuja decisão será sem apelo. Tomar-se-á em consideração não só o valor estético do retratado, mas e sobretudo, a qualidade artística da reprodução.

- 10.º) À base desta apreciação serão atribuídos os seguintes prémios:

Um prémio de Escudos 1.000\$00
e um prémio de Escudos 500\$00

às mães dos bebés escolhidos e alimentados com produtos Nestlé e mais 50 prémios em produtos Nestlé dum valor de cerca de Esc. 70\$00 cada.

- 11.º) A Sociedade de Produtos Lácteos reserva-se a [aculdade de instituir eventualmente outros prémios para as melhores fotografias.

- 13.º) A sede legal da Sociedade de Produtos Lácteos é em Lisboa, em cujo foro deverá correr qualquer acção judicial derivada do presente regulamento.

FOTO

— NESTLÉ

CRÓNICA DE BIARRITZ

(Continuação da pág. 44)

Como eram já as 4 quando os descobri, podia ser tanto um como o outro!

Pondo de parte a fome — passei na Chambre d'Amour umas horas agradáveis e bastante instrutivas, ouvindo falar todas as línguas, e estudando a maneira de ser destes ricos da terra.

Reparei que a carne e os ossos que estavam à mostra eram expostos com mais decência do que nas outras praias. Já é uma grande vantagem!

Só admirei ver tantos homens ostentando calças de cretone «imprimé» (até com florzinhas!), e estas camisas flutuantes (tão-feias!) também com desenhos e cores pouco discretas... às vezes francamente horríveis!

Coltados! Deve ser a reacção de terem que andar o ano inteiro vestidos da mesma maneira, sem a menor fantasia!

* * *

A famosa «repórter» dos ecos mundanos, Elsa Maxwell, acaba de dar um jantar no Hotel du Palais — só para os «intimos» — nem mais nem menos de 70 pessoas.

Os duques de Windsor dançaram animadamente toda a noite. Também «Sir» John Balfour («Jock» para os amigos), embaixador da Grã-Bretanha em Madrid, que dantes esteve como ministro em Lisboa.

É um grande amigo do nosso país. Tão amigo que fala lindamente o português. Até sabe recitar, de cor, poemas de Camões!

Portanto, o «bouquet» dos galas até agora foi no Casanova, durante as duas noites que cantou Amália Rodrigues — se possível, ainda melhor do que dantes.

Lindamente vestida — com jóias estupidamente — o seu «charmes», que conhecemos, e a sua voz (ninguém canta os nossos fados como ela), foi um verdadeiro triunfo!

Em frente duma assistência tão numerosa como escolhida — todos os «nomes» de Biarritz — a Infanta D. Beatriz, os duques de Windsor, os portugueses de Biarritz e de S. Sebastian, não podem imaginar o que foi... Um delírio!

Palmas e mais palmas — teve que repetir não sei quantas vezes. O público, entusiasmado, pedia mais — e ainda mais! A duquesa de Windsor, encantada, quis felicitá-la... Pode dizer-se que foi um belo sucesso — tanto para Amália como para Portugal!

Novidade!

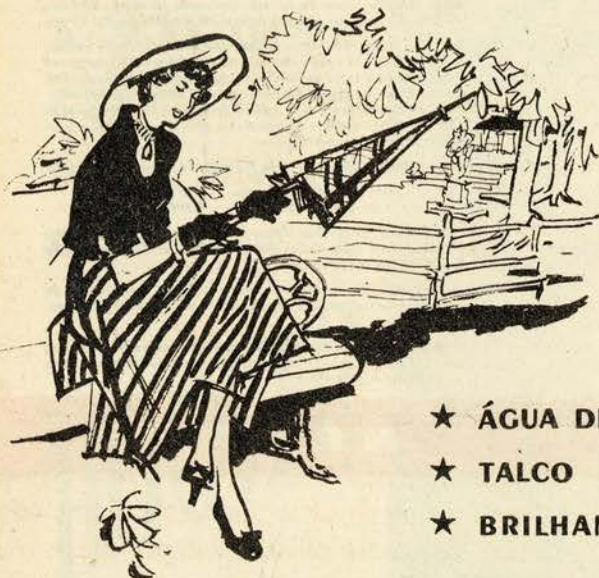
Canja de galinha

Como todas as sopas Maggi a "Canja de Galinha", novidade que lançamos agora no mercado, tem um gosto delicioso e prepara-se num instante. Os cubos, as sopas e o aroma Maggi, são os grandes auxiliares da Dona de Casa.

Sopas MAGGI

CONCESSIONÁRIO EXCLUSIVO
SOCIETÀ DE PRODUTOS LÁCTEOS
LISBOA COIMBRA PORTO

*Toda a frescura
dos jardins ingleses...*



★ ÁGUA DE LAVANDA

★ TALCO

★ BRILHANTINA

ATKINSONS

DE LONDRES

A AUTÊNTICA LAVANDA INGLESA

BY APPOINTMENT PERFORMERS TO H.M. THE KING



J. & E. ATKINSON LTD. LONDON, ENGLAND

INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA., SACA VÉM

Ardath

FILTER TIPPED

EXPERIMENTE V. EX. ESTE
CIGARRO INGLÊS DE GRANDE
CATEGORIA

em lindas caixas de vinte cigarros
À VENDA NAS BOAS TABACARIAS

DEFENDA-SE DA GRIPE

PENITROL

**PASTILHAS DE PENICILINA
PARA AS DOENÇAS DA BOCA E GARGANTA
LINGUÍAS GENGIVITES LARINGITES, DORREIAS, ETC.**

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

CRÓNICA DE LONDRES

(Continuação da pág. 28)

pagos por realizadores cujas ideias se chocavam frequentemente com as de Orson — em «Citizen Kane» e em «Othello» é o próprio Welles o único senhor absoluto da situação. É o realizador, o intérprete, e até o financeiro. Para poder cobrir as despesas, representou em quatro filmes diferentes durante as filmagens desta obra-prima. E qual a nacionalidade dos seus cúmplices nesta peça de crime e de paixão? Das mais diferentes que imaginar se possa. A sua «leading lady» (a heroína), Desdemona, chama-se Suzanne Cloutier, e é meio francesa, meio canadiana. Era praticamente desconhecida antes de Orson Welles lhe ter oferecido um contrato. Fay Compton, uma das melhores atrizes do teatro inglês, considera o seu papel no «Othello» como um dos mais notáveis da sua carreira e, segundo a sua opinião, Orson é um realizador insuperável. Finalmente, Iago: é desempenhado por um irlandês da companhia do Gate Theatre de Dublin, o teatro que há muitos anos deu a Orson Welles a sua primeira oportunidade de aparecer em cena.

E onde se filmou o «Othello»? Um pouco por toda a parte, também. Ou antes: na Itália e na África. As velhas construções medievais italianas e os antigos fortes portugueses em Marrocos serviram maravilhosamente para a intriga complicada dum More ciumento.

MEMÓRIAS DUM TRADUTOR

A todos os que ainda tenham ilusões sobre a maneira como a história é feita, supondo-a construída de ideias e de doutrinas, e não da simples interpretação dos que a escrevem com toda as paixões, faltas e fraquezas, deve recomendar-se a leitura do seguinte livro de Paul Schmidt: «Sur la Scène Internationale 1933-1945», edição da Plon, 1951.

Durante todo este prazo Schmidt, um tradutor oficial de Hitler, assistiu às conferências internacionais mais importantes, com Hitler, Goering e Ribbentrop. Foi a única testemunha das entrevistas de Hitler com Chamberlain, Eden, Halifax, Mussolini, Ciano, Franco, Pétain, Laval, Darlan, Matsuo, Molotov, etc...

Em sua opinião os ingleses não são bons negociantes. Ciano era um inteligente débil, Laval um intriguista de segunda ordem, Pétain um homem de carácter e de dignidade que inspirava respeito mesmo a Hitler. O rei Leopoldo da Bélgica não passava dum diplomata falhado, Horthy, o regente da Hungria, um aristocrata que detestava Hitler, Mussolini um simplório desgraçado.

E é unicamente o General Franco que sai deste livro como um político hábil, muito manhoso, que conseguiu despedir Hitler nos seus encontros em Hendaya... com as mãos a abanar.

O ANIVERSÁRIO DA REUTER

Há um século que o senhor Julius Reuter fundou um modesto escritório no n.º 1 da Royal Exchange, em Londres. Desde esse dia não houve guerra no mundo, fosse ela no mais escondido canto do globo, a que não assistisse um correspondente da Reuter.

Durante a Guerra dos Boers, por exemplo, foi W. H. Mackay o correspondente especial em Pretória. Certa vez, os Boers, convencidos de que a sua censura era toda poderosa e impediria Mackay de enviar para a Inglaterra notícias de guerra interditas, anunciaram-lhe a libertação de Mafeking. Mackay dirigiu-se a toda a pressa para a fronteira da África Oriental Portuguesa e conseguiu convencer o maquinista dum comboio que a precisamente a partir para Lourenço Marques a levar-lhe a notícia. O maquinista emitiu o telegrama o mais brevemente que lhe foi possível numa estação da Eastern Telegraph Company. O comunicado chegou a Londres às 9,15 da noite a uma sexta-feira, 18 de Maio de 1900. Nessa noite o Ministro das Colónias, Joseph Chamberlain, respondia na Câmara dos Comuns aos debates sobre a situação militar: «Não sabe nada da situação de Mafeking?» — interpelou-o alguém.

«Embora não haja ainda qualquer confirmação oficial de que tenha sido libertada, não tenho a menor hesitação em aceitar como certas as informações da Reuter».

A opinião sobre a objectividade e a precisão das notícias fornecidas por estes agentes tomou tal vulto, enraizou-se tão sólidamente na opinião pública que a função dum «repórter» da Reuter era considerada um privilégio. Assim, passaram pelas suas secções pessoas da melhor categoria. Rudyard Kipling e Edgar Wallace, por exemplo, estiveram na guerra dos Boers como correspondentes oficiais da Reuter. E foi a Rainha Vitória quem retribuiu um corte-

ORACULO DOS ALFINETES

(Continuação da pág. 32)

Um V — O amor triunfará.

Um V invertido (A) — Amor contrariado.

Fetço — Triunfo.

Quadrado — Aborrecimentos.

Em forma de tesoura — Rompimento, quebra de relações.

Em forma de sete — Vitória inesperada.

Em forma de quatro — Dificuldades materiais.

Em forma de X — Incertezas.

Alfinetes paralelos — Tem diante de si um novo caminho a seguir.

Obliquos — Obstáculos. Se neste caso um dos alfinetes tiver a ponta para cima, significa que os inimigos continuam activos e sem intenções de desistir; se o bico estiver para baixo, é sinal de que dominará as dificuldades que se lhe depararem.

Dois alfinetes com os bicos opostos — Discussões, lutas.

Tocando-se pela cabeça e dispostos em linha recta — Arrufo.

Se os alfinetes que simbolizam as figuras boas e as más se encontram misturados, é sinal de que os acontecimentos que previa estão próximos e que, portanto, deve tratar de se defender.

Se, neste caso, a maioria dos alfinetes têm o mesmo sentido — a solução ser-lhe-á favorável.

Todos os alfinetes baralhados — Forte oposição.

Tome estas indicações em função das personagens que representam os alfinetes.

Se cruzado com o seu alfinete há um outro, é sinal de perigo e deve portanto agir com prudência e espirito de conciliação.

Se determinado alfinete se afasta do monte sem deixar de lhe pertencer trata-se evidentemente dum afastamento devido às circunstâncias e não aos sentimentos.

Se uma das personagens está inclinada: a sua acção, favorável ou prejudicial, encontra-se diminuída. E assim por diante.

Com um pouco de prática acabam por lêr-se facilmente estes símbolos diferentes.

Mas suponhamos agora uma questão diferente:

— Serei amada verdadeiramente?

Além dos dois alfinetes-personagens (a leitora e ele), sirva-se de mais cinco. Se formarem um V está com certeza garantida. Se um outro alfinete se opõe em linha recta a esse V, pode acreditar que haverá qualquer obstáculo no seu caminho. Se o alfinete que a representa e o que o representa estão de costas um para o outro, não deve conservar grandes esperanças de êxito.

— Ganharei o processo? Tiverei bons resultados do meu empreendimento?

Atribua a um dos alfinetes o papel do juiz, ao outro o do advogado... ou então o do amigo influente a quem pretende fazer um pedido.

De acordo com o comportamento dos alfinetes, assim será a resposta ao seu caso.

Se a solução for boa. Esplêndido! Tome-a como certa.

Senão: não será ela muito simplesmente o reflexo das suas preocupações?

zíssimo cumprimento, nestas palavras: — Foi o senhor Reuter que disse isso, e em geral tem tem razão.

UM FANATICO DA ESTATISTICA

Um apaixonado qualquer da estatística (um americano, provavelmente), concluiu que: 50 % das mulheres inglesas usam espartilho, 3 em cada cinco trazem braçadeira, e uma em cada cinco tem cinta com ligas. Somente uma inglesa em cada dezasseis dispensa estes acessórios no conjunto.

Embora em 17 mulheres haja 16 que põem diariamente pó de arroz e «báttons», só 5 % usam máscara de beleza e tingem as pálpebras de azul.

70 % das inglesas não possuem calças de desporto, 25 % não têm chapéu, e 40 % não usam roupão.

UM CAMPEONATO RARO

A vila de Scaford, em Leicestershire, presta homenagem à jovem Amy Rudkin. Mais uma vez ela trouxe a Scaford o triunfo do campeonato numa vitória brilhantíssima sobre todo o distrito de Leicestershire.

E a modalidade em que venceu?

Nada mais, nada menos, do que isto: comeu geleia de framboesas com... agulhas de stricots.



"Ela tem os dentes mais brancos que se possa imaginar"

O seu segredo é simples: Pepsodent! O Irium contido neste maravilhoso dentífrico faz desaparecer integralmente e com suavidade, a "película" que todos os dias se deposita nos seus dentes e lhes tira o brilho. Pepsodent dá assim ao seu sorriso um brilho, um encanto incomparável.



O ÚNICO DENTIFRICO QUE CONTEM Irium

TAMANHO GRANDE - 10 Esc. Indústrias Lever Portuguesa, Lda - Sacavém

PP. 606

A MELHOR OFERTA PARA SUA ESPOSA, SUA NOIVA, SUAS FILHAS OU SUAS IRMÃS



Novo livro de Culinária
TESOURO DAS COZINHEIRAS

Preço de cada exemplar — 140\$00

Este livro é uma edição da PORTO EDITORA, LIMITADA

* Praça D. Filipa de Lencastre, 42 — PORTO *



TINGIR EM CASA
 todos os tecidos
 só com
TINTAS DA MARCA
RAPOSA

A MARCA QUE DOMINA

- TINTAS A QUENTE (44 cores)**
 Carteira, para tingir 350 grs. de tecido, cada 2\$40
 Caixinha, para tingir 350 grs. de tecido, cada 2\$50
- TINTAS A FRIO (40 cores)**
 Carteira, para tingir 200 grs. de tecido, cada 1\$60
- DESCORANTE**
 Frasco, para tirar as cores aos tecidos, cada 8\$00

A venda em todas as drogas do País
 Revenda:
SCHROETER & ALMEIDA - RUA DA MADALENA, 128, 2.º - LISBOA - TELEFONE 20649

GUARDA-ROUPA
PARA UM GRUPO DE UNIVERSITÁRIAS

Uma Maria J. L. escreve-nos gentilmente em nome de um grupo de estudantes universitárias pedindo que publiquemos uns vestidos práticos que possam servir-lhes nos estudos e nos seus divertimentos simples. Agradecemos a confiança que lhes merece o nosso gosto, e com todo o prazer procuraremos resolver-lhes o problema, simplesmente não nos é possível fazê-lo neste número de Outubro, como nos foi pedido, por estarem já feitas as páginas de moda quando a carta chegou. No número de Novembro, que aliás sai logo nos primeiros dias, daremos «O guarda-roupa da Universitária». Está bem? Demorem um nadinha mais a confecção das «toilettes», e tentaremos sair-nos bem da incumbência. E obrigada por nos tomarem como conselheiras. Assim é que é: contar com a «EVA» para tudo é o maior gosto que nos podem dar as leitoras.

Cuide do seu cão

(Continuação da pág. 33)

Injecções hipodérmicas à base de eucalipto, cânfora, ou preparações semelhantes, administradas em forma de supositórios, se não houver qualquer complicação intestinal, e finalmente, e acima de tudo, penicilina em doses elevadas. Este anti-biótica actua maravilhosamente contra os germes que acompanham o vírus da forma pulmonar. É conveniente esclarecer que neste tipo de doença o apetite conserva-se muitas vezes inalterável, e se o animal não tiver temperaturas muito elevadas podem dar-se-lhe alimentos. De qualquer modo, devem apenas utilizar-se alimentos simples e são para evitar as complicações gastro-intestinais, que são uma ameaça permanente.

Cartas à Margarida

(Continuação da pág. 33)

Que te dizia eu, Margarida? Eu sabia que ela tinha estofo bom, e que mais tarde ou mais cedo havia de revelar-se. Confiar e não me enganar.

Sofreu e descobriu-se no sofrimento. A vida tinha sido sempre demasiado fácil.

A Aninhas também só agora encontrou o verdadeiro sentido da vida. Tornou a nascer. Nela vais ter a melhor compensação.

Com o Carlos está tudo certo desde o princípio. Organizou bem a sua vida, continua sempre a estudar, escolheu a companheira certa, a que lhe há-de proporcionar o ambiente que ela precisa.

Convence-te de que a vida continua e a tua não parou. Eu vou andando. Não te preocupes comigo. Hei-de melhorar. Quero ainda ver um neto teu, Margarida.

Penso em ti constantemente. Coragem! Para a frente sempre!
 Tua

LUIZA



Resultados perfeitos, só com:
RADIAZE

A nata invisível, apaga as rugas e cria uma pele nova. Faz desaparecer os PONTOS NEGROS, os pés de galinha e as sardas. Suprime as BOLSAS ADIPOSAS que se formam nas pálpebras; suprime também o DUPLO QUEIXO formado por gorduras superfúas. Dá à pele um ACETINADO que nunca foi alcançado até agora.

Use RADIAZE com a nossa garantia sobre os resultados.

- tubo grande..... Esc. 13\$50
 Bolo..... 27\$00
 Pó de arroz..... 8\$00

RADIAZE não encobre as rugas, suprime-as.

VENDESE EM TODA A PARTE
 Distribuidores gerais:

VICENTE RIBEIRO & C. A.
 Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º-Dt.º
 Telefone 26663

Uma gota de «Herpetol»

e o doçajo do coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa.

«HERPETOL»

é um medicamento sério e para todos os casos de ECZEMA (húmido ou seco), crostas; feiças, espinhas, erupções, ardências na pele, etc.



A venda em todas as farmácias e drogas
 Preço avulso: 11\$00

Emagrecer
 só com
OBESYL

Combate a Obesidade, elimina as gorduras indíceis, regula o intestino e regulariza a assimilação dos alimentos.
 Em duas formas distintas: NORMAL e LAXATIVA (Consoante a necessidade orgânica).
 Envia grátis, literaturas explicativas, a Secção de Publicidade da FAL, Rua da Mercaderia, 36-3.º Esq. - LISBOA.
 Vende-se nas Farmácias

PASTILHAS KISSINGA

O MELHOR REMÉDIO
 CONTRA A OBESIDADE

preparado pela casa
BOXBERGER,

Fundada em 1711 em Bad Kissingen

FARMÁCIA TEIXEIRA LOPES & C.ª LDA.
 Rua Áurea, 154 - LISBOA - Tel. 2.4816

MONTEGIL
 A MELHOR
 PASTA
 DENTÍFRICA



5\$00

NYPHA DO MONDEGO
 CONTRA OS
CABELOS BRANCOS
 CASPA, QIEDA DOS CABELOS
TUDELA & ESTEVES, L.
 Rua da Alegria, 42 - LISBOA

*Quem será o bebé Nestlé
de 1951?*



*Podará ser o Seu
minha Senhora*

A V. Ex.^a e às milhares de mães portuguesas que, pelo amor aos seus Nenés, os estão alimentando eficientemente com os produtos Nestlé, dedicamos o CONCURSO FOTO-NESTLÉ.

Veja as suas facilimas condições, no regulamento publicado neste número.



NESTLÉ



- ★ Permanece inalterável durante longas horas
- ★ Conserva nítido o contorno dos lábios
- ★ Deixa-os lisos e brilhantes
- ★ Os seus dez tons são luminosos, modernos e fascinantes

MAGIC

O BATON QUE ENFEITIÇA OS SEUS LÁBIOS